

EQUIPES DE NOSSA SENHORA  
Equipe Responsável Internacional

# *A Eucaristia* Fonte de Missão



*"Quem come a minha carne e bebe o meu  
sangue permanece em mim, e eu nele"*

*(Jo 6, 56)*

Super-Região Brasil 2024



**EQUIPES DE NOSSA SENHORA**  
**Equipe Responsável Internacional**

# *A Eucaristia* Fonte de Missão

*"Quem come a minha carne e bebe o meu  
sangue permanece em mim, e eu nele"*  
*(Jo 6,56)*

**Super-Região Brasil 2024**

## Imagem de Capa e Contracapa

*Vicente Juan Masip (Juan de Juanes)*  
(1510-1579)

### A Última Ceia

*Coleção Museu do Prado - Madri/Espanha*

Foi um pintor espanhol nascido em La Font de la Figuera, Valência, na Espanha. Suas obras ao longo de sua vida artística foram sempre dedicadas em grande parte à Igreja. Ele nunca pintou temas profanos. Fez trabalhos para diferentes ordens religiosas, Jesuítas, Dominicanos, Agostinianos e Franciscanos.

A obra aqui reproduzida na íntegra na contracapa desta edição, baseou-se na iconografia tradicional espanhola, tanto na questão das suas dimensões quanto na expressividade das figuras humanas (os apóstolos). Juan de Juanes organizou a cena colocando Jesus Cristo no centro da tela, sereno e triunfante no momento da Sagrada Eucaristia. Todos os apóstolos possuem auréolas exceto Judas Iscariotes. O cálice reproduzido na cena ao centro da mesa é o mesmo que é conservado na Catedral de Valência. O jarro e a bacia em primeiro plano aludem ao “Lava Pés” ocorrido antes da ceia. Sem dúvida uma obra de extenso valor artístico representando fortemente a cultura cristã ao longo dos séculos.

---

*A imagem de capa sofreu intervenção artística a fim de adaptar-se ao seu formato.*

*A Eucaristia*  
Fonte de Missão



Equipes de Nossa Senhora

## **Responsabilidade**

Equipe da Super-Região

Av. Paulista, 352, 3º andar, cj. 36

01310-905 - São Paulo-SP

Fones: 11 3256-1212 3257-3599

[www.ens.org.br](http://www.ens.org.br) [secretariado@ens.org.br](mailto:secretariado@ens.org.br)

## **Coordenação Geral**

Equipe da Super-Região Brasil

## **Elaboração de Conteúdo**

Super-Região Espanha

## **Revisão de Conteúdo**

Conselho Editorial - SRB

## **Direção de Arte**

Maria Alice e Ivahy Barcellos

## **Revisão de Texto**

Jussara Lopes

## **Projeto Gráfico, Diagramação**

**e Tratamento de imagens**

Douglas D. Rejowski

## **Edição e Produção**

Nova Bandeira • Produções Editoriais

Rua Tefé, 192, Perdizes

01251-050 • São Paulo-SP

[novabandeira@novabandeira.com](mailto:novabandeira@novabandeira.com)

Edição exclusiva para distribuição interna sem finalidade comercial.

Impresso no Brasil

# Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Apresentação .....                                   | 7   |
| Introdução.....                                      | 11  |
| Arte sacra presente na história .....                | 16  |
| Capítulo 1<br>O que procurais? .....                 | 20  |
| Capítulo 2<br>Ele tomou o pão.....                   | 32  |
| Capítulo 3<br>Ele deu graças .....                   | 44  |
| Capítulo 4<br>Ele partiu o pão .....                 | 54  |
| Capítulo 5<br>Ele lhes deu.....                      | 66  |
| Capítulo 6<br>Tu santificarás os dias de festa ..... | 78  |
| Capítulo 7<br>Convidados ao banquete.....            | 92  |
| Capítulo 8<br>Faça isto em memória de mim .....      | 106 |
| Capítulo 9<br>Balanço.....                           | 116 |
| Anexos.....  | 123 |



# Apresentação

Querida família das Equipes de Nossa Senhora.

As equipes que vivem fielmente o projeto de vida que nos é proposto pelas Equipes de Nossa Senhora compreendem, sem hesitar, que trata-se de uma escola de formação permanente, que transforma a cada dia o nosso caminho de fé, encarnando com maior maturidade o ideal de uma vida baseada nas exigências do convite que Cristo nos faz para participarmos de maneira integral e não apenas ritual de seu banquete.

É só assim, disse o Papa Francisco, que o *“sentar-se à mesa de Jesus significa ser transformado e salvo por Ele. Na comunidade cristã, a mesa de Jesus é dupla: a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia. Estes são os remédios com os quais o Divino Médico nos cura e nos nutre”*.<sup>1</sup>

Correndo o risco de ser repetitivo, e sendo o último tema de estudo que completa o ciclo de seis anos, devemos lembrar, para contextualizá-lo no momento em que o enviamos ao Movimento, que a orientação de vida que tem guiado o caminho que percorremos desde o encontro de Fátima traçou um itinerário descrito a partir da chave da missão: “Não tenhais medo, saiamos” – que tem sido enfatizada a cada ano.

A primeira missão, “Saíamos para servir, assumindo as nossas fraquezas”, como convite a deixar de lado o pudor de sermos missionários, percebendo que a missão não é algo extraordinário na vida do cristão, mas a consequência lógica da sua adesão a Cristo.

---

1. Papa Francisco, audiência geral de 13 de abril de 2016, disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2016/documents/papa-francesco\\_20160413\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2016/documents/papa-francesco_20160413_udienza-generale.html)

O segundo ano, “Chamados a ser santos”, de certa forma desmistificou os preconceitos e a idealização que poderíamos ter sobre a santidade, fazendo-nos compreender que ela pode encarnar-se no contexto da nossa vida, com os seus riscos, desafios e oportunidades.

O terceiro ano, “Matrimônio, sacramento de missão”, a partir do reconhecimento da missão como consequência do nosso ser cristão, percebemos que somos convidados a compreender que a fecundidade da vida conjugal não tem apenas uma conotação biológica, mas é também vista na capacidade de gerar vida em nosso ambiente. Isso responde à exortação que nos fez o nosso fundador, Padre Henri Caffarel, quando disse: *“Se as Equipes de Nossa Senhora não forem um celeiro de homens e mulheres prontos a assumir, corajosamente, todas as suas responsabilidades na Igreja e no mundo, perdem a sua razão de ser”*<sup>2</sup>.

O quarto ano, “O casal cristão, fermento de renovação para a família e a sociedade”, que apresentou, no contexto do difícil momento da pandemia global que nos atingiu, o convite urgente a nos renovar. Nosso discipulado, nossa mente, nosso coração, nossas atitudes e nosso comportamento devem adquirir um novo espírito de compreensão, cuidado e corresponsabilidade; não apenas para aqueles que nos rodeiam, mas também para a Casa Comum que habitamos, onde devemos nos sentir verdadeiramente imersos e engajados.

O quinto ano, “Servir a exemplo de Maria”, dentro do itinerário missionário que empreendemos, tomamos consciência do exemplo que as virtudes de Nossa Mãe nos oferece para identificarmos onde falta o vinho; e, assim, estarmos a serviço para nos tornarmos instrumentos, a exemplo de Maria, e conscientes das diversas realidades existenciais que requerem nossa atenção. *“Neste casamento, com efeito, é estipulada uma nova aliança aos servos do Senhor, ou seja, toda a Igreja é confiada à nova missão: ‘Fazei tudo o que ele vos disser’. Servir ao Senhor significa escutar e pôr em prática a sua Palavra. É a recomendação simples mas essencial*

---

2. Padre Henri Caffarel - Um homem arrebatado por Deus, pag. 72

da Mãe de Jesus, e é o programa de vida do cristão. Para cada um de nós, tirar dos potes significa confiar na Palavra de Deus para experimentar sua eficácia em nossas vidas. Então, como o chefe do banquete que provou a água transformada em vinho, também nós podemos exclamar: 'Tu, por outro lado, guardaste o bom vinho até agora' (v. 10). Sim, continua o Senhor para reservar este bom vinho para a nossa salvação, assim como continua a fluir do lado trespassado do Senhor",<sup>3</sup> disse o Papa.

Para este sexto e último ano desse itinerário percorrido na perspectiva da missão, o tema é "A Eucaristia, fonte de missão". Agradecemos o amor, o empenho e a generosidade do nosso amigo Padre Javier Grande e da Equipe da SR Espanha, que colaboraram conosco na escrita deste tema, que, temos certeza, será uma fonte de graça e riqueza para todo o Movimento.

São Paulo na 1ª Carta aos Coríntios (13, 11), no final desta passagem maravilhosa e comovente que conhecemos como o hino ao amor, diz: "*Quando eu era menino, falava como menino, pensava como uma criança, raciocinava como uma criança. Agora que sou homem, fui além do que era próprio da criança...*". Não é por acaso que o tema de estudo que propomos ao Movimento este ano é A EUCARISTIA, FONTE DE MISSÃO.

Somos cristãos maduros que em nossa formação deixamos a infância intelectual e espiritual e estamos em posição de ser tratados como adultos. O projeto de vida que seguimos no Movimento desde que ingressamos, como dissemos, nos ajudou a forjar uma fé madura. Nesta fé conseguimos compreender que todo esse caminho missionário que percorremos nos últimos anos é uma adesão a Cristo como discípulos prontos para assumir a missão que Ele nos confia. Só com essa consciência podemos compreender que a Eucaristia é a fonte e o ápice da vida cristã, porque nela,

---

3. Papa Francisco, audiência geral de 8 de junho de 2016, disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2016/documents/papa-francesco\\_20160608\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2016/documents/papa-francesco_20160608_udienza-generale.html)

como disse o Santo Padre Bento XVI, “quanto mais viva a fé eucarística no Povo de Deus, tanto mais profunda é a sua participação na vida da Igreja através da sua adesão consciente à missão que Cristo confiou aos seus discípulos. A própria história da Igreja testemunha-o. Cada grande reforma está ligada de uma forma ou de outra à redescoberta da fé na presença eucarística do Senhor no meio do seu povo”. O Papa Bento XVI disse na mesma exortação que “os fiéis cristãos precisam de uma compreensão mais profunda da relação entre a Eucaristia e a vida cotidiana. A espiritualidade eucarística não é apenas a participação da missa e a devoção ao Santíssimo Sacramento<sup>4</sup>”. É exatamente o que temos procurado viver neste caminho que começou em Fátima e terminará no próximo Encontro Internacional de Turim. Não há espaço para uma dicotomia entre a vida de fé e da missão, entre a vida cotidiana e a espiritualidade.

E acrescentou: “Os cristãos devem cultivar o desejo de que a Eucaristia influencie cada vez mais profundamente sua vida cotidiana, tornando-os testemunhas visíveis em seu próprio ambiente de trabalho e na sociedade em geral”. Essa “coerência eucarística” requer também um testemunho público da fé. “É por isso que a Eucaristia, como fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, deve traduzir-se em espiritualidade, em vida ‘segundo o Espírito’.”

Que este livro que oferecemos ao Movimento nos ajude a fortalecer a nossa consciência da grandeza e das graças desse sacramento da Eucaristia que o Senhor nos deixou para participar, como sacramento da nossa salvação e fonte da nossa missão, transformando em vida aquilo que nela celebramos.

Que assim seja!

Clarita e Edgardo Bernal  
Casal Responsável Internacional

---

4. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* do Santo Padre Bento XVI sobre a Eucaristia como fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, 6, disponível em [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20070222\\_sacramentum-caritatis.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html)

# Introdução

É possível que alguns de vocês, vendo o tema proposto para este ano, tenham pensado: “Dado o número de problemas vitais que temos que iluminar, aqui estamos nos movendo para um tema ‘doutrinário’. Esse modo de pensar reflete algo infelizmente comum entre muitos cristãos do século XXI. Jesus está sempre conosco e por isso não seria necessário ir a um lugar específico para recordá-lo e vivê-lo em comunidade. Falar da Eucaristia não é distanciar-se da vida real, mas encará-la em toda a sua radicalidade e exigências. Não há problema humano que a Eucaristia não nos obrigue a enfrentar e a tentar resolver. Se alguém compreende a Eucaristia como um parêntese onde são deixadas todas as alegrias, angústias, aflições, preocupações, trabalhos, amores e aversões que constituem a nossa vida real, é porque não entendeu nada. Infelizmente, parece que muitos cristãos estão nessa situação.

No caminho de santidade que todos os crentes percorrem, a Eucaristia é a maior fonte para essa santidade. A participação na Eucaristia dá-nos energia e motivação necessárias para os serviços a que somos chamados em nosso apostolado matrimonial, uma vez que a verdade da celebração eucarística é demonstrada no que fazemos após participarmos da mesma e retornarmos para nossos ambientes.

Este tema é o ponto de chegada da viagem iniciada em Fátima (2018) e que nos levou a experimentar *a Vocação e a Missão* sob diferentes perspectivas. Este tema que antecede o Encontro Internacional de Turim chama-nos a ver “a Eucaristia como fonte para viver a missão”. É um tema muito presente na vida das equipes e que já nos exortava o Papa São João Paulo II quando se dirigia aos Responsáveis Regionais reunidos em Roma em 20 de janeiro de 2003: “*O compromisso dos esposos, mistério de aliança e de comunhão, convida-os a tirar a sua força na Eucaristia, ‘fonte mesma do matrimônio cristão’ (Familiaris Consortio 57) e modelo do seu amor. Com efeito, as diversas fases da liturgia*

*eucarística convidam os esposos a viver a sua vida conjugal e familiar a vida em dom de amor, a exemplo de Cristo, que se entregou aos homens por amor. Eles devem encontrar neste sacramento a audácia necessária para o acolhimento, o perdão, o diálogo e a comunhão dos corações. A Eucaristia será também uma ajuda preciosa para enfrentar as inevitáveis dificuldades de toda a vida familiar. Que os membros das equipes sejam as primeiras testemunhas da graça trazida pela participação regular na vida sacramental e na missa dominical (...)*”.

Estamos diante de um imenso mistério, uma dimensão fundamental da fé, que toca todos os aspectos de nossa vida e que, como os discípulos de Jesus, devemos tratar a partir de nossa visão como cristãos, católicos e consagrados pelo sacramento do Matrimônio.

Que luz nos dá a Eucaristia? O que a Eucaristia revela? Se olharmos a vida com um olhar eucarístico, o que vemos? Como a Eucaristia nos encoraja em nossa missão? Como vivemos a Eucaristia na vida conjugal, familiar e como membros das Equipes de Nossa Senhora esse Movimento Cristocêntrico?

Na tentativa de esclarecer essas questões, faremos um itinerário à luz da Eucaristia e com o olhar fixo nela, partindo inicialmente do modo como nos colocamos diante desse sacramento, para depois seguir no núcleo principal a partir dos quatro verbos da instituição da Eucaristia, segundo o Evangelho de Lucas: tomar, abençoar, repartir e dar. Seguiremos refletindo sobre o domingo, como o dia do Senhor, sobre as partes da missa e sobre o fato de que Jesus nos pede para “fazer isso” em sua memória, ligando a Eucaristia à nossa vida cristã cotidiana. Desta forma, este texto do Evangelho estará no centro de grande parte da nossa reflexão:

*“Quando chegou a hora, Jesus pôs-se à mesa com os apóstolos e disse: ‘Tenho desejado ardentemente comer convosco esta ceia pascal, antes de padecer; pois eu vos digo que não mais a comerei até seu pleno cumprimento no Reino de Deus’. Então, recebendo um cálice, deu graças e disse: ‘Tomai este cálice e partilhai entre vós; pois eu vos digo que, de agora em diante, não mais beberei do fruto da videira até que venha o Reino de Deus’. A seguir, tomou o pão, deu graças, partiu-o*

*e lhes deu, dizendo: 'Isto é o meu Corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim'. Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: 'Este cálice é a nova aliança no meu Sangue, que é derramado por vós'" (Lc 22, 14-20).*

## **Estrutura de cada capítulo**

Os capítulos têm um conteúdo principal dividido em várias seções. Apresentam: as reflexões do Papa Francisco e do Padre Caffarel inseridas no próprio texto; a leitura da Palavra de Deus; um comentário formativo introdutório ao texto bíblico. Estas leituras serão as mesmas oferecidas para as reuniões formais de cada mês.

Cada capítulo também tem propostas para trabalhar os Pontos Concretos de Esforço e para que todos estejamos em harmonia no caminho para o Encontro Internacional de Turim.

Este tema de estudo, como todos os demais oferecidos pelas Equipes de Nossa Senhora, pretende ser experiencial, para que nos interpele em nossa vida cotidiana, sobretudo nos ajude na nossa vida de casal. Encorajamos-vos a fazer da Eucaristia, especialmente durante este ano, uma fonte de união em vossa vida de casal, e a vivê-la com particular atenção e significado. Não perdendo a oportunidade de compartilhá-la com sua família sempre que possível.

Preparemo-nos durante este ano, a caminho de Turim, para descobrir a enorme força da Eucaristia como alimento para viver a nossa missão. E façamos um discernimento sincero para descobrir o que isso significa para cada um de nós, para a nossa equipe, para o Movimento das Equipes de Nossa Senhora e para a Igreja.

## **Fontes e principais autores**

Para a elaboração deste tema de estudo, utilizamos alguns textos do tema de estudo produzidos durante o ano 2004-2005 pela SR Espanha, escritos pelo conselheiro espiritual da época, Miguel Payá, intitulado *El Banquete del Señor* (O Banquete do Senhor).

Textos da catequese sobre a Eucaristia que o Papa Francisco proferiu em algumas audiências gerais das quartas-feiras nos anos de 2017 e 2018 e em várias homilias nas quais deu especial ênfase ao tema da Eucaristia.

A Carta Apostólica *Dies Domini* (DD) de São João Paulo II.

Várias catequese do biblista italiano Fabio Rosini.

## Estrutura e capítulos

| Capítulo              | Objetivos  | Texto bíblico |
|-----------------------|--|---------------|
| Introdução            | Apresentação do tema   |               |
| 1. O que procurais?   | Refletir sobre como abordamos a Eucaristia<br>Reconhecê-la como verdadeiro alimento, fonte de missão e serviço             | Jo 6, 24-34   |
| 2. Ele tomou o pão... | Compreender a Eucaristia no contexto da Páscoa e o que significa o novo banquete<br>Deixar Jesus levar as nossas fraquezas | Jo 21, 1-14   |
| 3. Ele deu graças...  | Aprofundar o significado da bênção<br>Reconhecer a Eucaristia como fonte de bênção para nós e nossos próximos              | Ef 1, 3-10    |
| 4. Ele partiu-o...    | Reconhecer o profundo significado do partir o pão<br>Celebrar a Eucaristia como sacramento da unidade                      | Jo 6, 1-14    |
| 5. Ele lhes deu...    | Valorizar a doação de Jesus na Eucaristia<br>Deixar-se transformar para dar a própria vida                                 | Jo 6, 48-58   |

Textos do Pe. Caffarel extraídos de uma monografia intitulada *Matrimônio e Eucaristia*, publicada na revista *L'Anneau d'Or* (Casamento, caminho para Deus), número especial 117-118 (maio-agosto de 1964, pp. 242-265) e outros textos extraídos de editoriais escritos para as Equipes de Nossa Senhora.

A experiência da Oficina da Palavra realizada durante o ano acadêmico 2020-2021 na Paróquia de San Jaime de Moncada (Valência, Espanha) pelo Padre Javier Grande Ballesteros.

| Capítulo                               | Objetivos  | Texto bíblico    |
|--|--|------------------|
| 6. Tu santificarás os dias de festa... | Viver conscientemente o significado alegre e festivo do domingo<br>Fazer do domingo um dia especial em nossas vidas, um dia de encontro fraterno e de solidariedade    | Mc 16, 1-2, 9-16 |
| 7. Convidados para o banquete...       | Refletir sobre nossa participação na missa<br>Tomar consciência de sua estrutura e do profundo significado de cada uma de suas partes                                  | Lc 24, 13-35     |
| 8. Fazei isso em memória de mim...     | Compreender que a Eucaristia nos ajuda a nos transformar e a amadurecer na nossa vida cotidiana<br>Estar abertos ao compromisso, testemunho, missão e serviço cristão. | 1 Cor 11, 17-30  |
| 9. Balanço                             | Rever todo o percurso pessoalmente, em casal e em equipe   | Lc 22, 14-20     |
| Anexos                                 | O ano litúrgico<br>Posturas e gestos na liturgia<br>Paramentos e insígnias na liturgia   |                  |

## Arte sacra presente na história...



O milagre se apresenta quando nos encontramos uns com os outros, convivendo ao lado das diferenças e das possibilidades que nos fazem adquirir mais experiências. O ser humano precisa conhecer e permitir-se conhecer para então cultivar novas ideias, organizando melhor seus pensamentos e vivenciando a cada dia uma escuta atenta, empática e de coração aberto. Uma presença que contribua com o outro em novos posicionamentos diante da vida. A sociedade, a comunidade, bem como o indivíduo, necessitam de iniciativa e de imaginação criativa para adquirir melhor qualidade de vida exercendo um papel transformador no mundo.

Na maior parte do tempo, vivenciamos desencontros com Deus, buscamo-lo sem ver, escutamos a sua voz sem verdadeiramente ouvir. Também nós vivemos em um mundo surdo, e a velocidade desse mundo moderno impede-nos de escutar o outro. Há momentos em nossas vidas em que é importante parar e refletir.

A concepção de “todo” é um contexto audacioso para nós, cristãos, que acreditamos na transformação do ser humano por meio da espiritualidade que vai ampliando nossa consciência, nos permitindo ter uma visão mais aberta de mundo, ajudando-nos a redescobrir a força do amor e nos impulsionando em missão ao encontro do outro. E qual é nossa missão? O que nos é pedido dentro do caminho cristão? Que direção seguir para afirmar o propósito e o nosso comprometimento? Quando nos acompanhamos uns dos outros, na busca de novos caminhos, operam-se transformações significativas em nossas vidas, e também aos que caminham conosco, ampliando em nosso interior a força ética capaz de reorganizar e intensificar as qualidades dessa experiência numa ajuda preciosa nas jornadas mais difíceis.



O sentido está em mudar nossos pensamentos e atitudes, na certeza de um comprometimento com a sociedade e com a família. Não conseguimos escrever a história de nossas vidas sozinhos. Somos convocados para uma reflexão conjugal, com mente aberta aos sentimentos e conhecimentos assimilados que direcionam nossos caminhos a um maior crescimento espiritual. A orientação de vida que nos tem guiado nesta caminhada de casais equipistas confirma, neste ano que se inicia, *que “a missão não é algo extraordinário na vida do cristão, mas consequência lógica da nossa adesão a Cristo (Padre Caffarel).*

Papa Bento XVI (pag. 10 desta edição, Apresentação) afirma em sua exortação apóstólica: *“que os fiéis cristãos precisam de uma compreensão mais profunda da relação entre Eucaristia e a vida cotidiana. A espiritualidade eucarística não é apenas a participação da missa e a devoção ao Santíssimo Sacramento”*

Numa observação mais detalhada das imagens que compõem o tema deste ano, a arte sacra expressa nas obras reproduzidas nos oito capítulos pode nos auxiliar na compreensão de passagens bíblicas importantes, sendo possível contextualizar, extrair sentidos e apropriar-se de um estado de viver mais intenso e elevado. A cena da Santa Ceia, representando a Eucaristia, pintada por um grande número de artistas, especialmente renascentistas, nos permite avaliar a importância histórico-cristã da Igreja no desenvolvimento cultural e artístico ao longo dos séculos.

*Maria Alice e Ivahy Barcellos  
ENS 3B SP CAP II - Província Sul I  
Nova Bandeira Editora*



# Leonardo da Vinci

(1452-1519)

## A Última Ceia

*Igreja de Santa Maria delle Grazie - Milão/Itália*

Nasceu em Anchiano, Florença/Itália. Da Vinci era pessoa de grande conhecimento em diferentes culturas. Foi autoridade em áreas do saber humanos como: ciências, matemática, engenharia, anatomia, arquitetura, botânica, escultura, pintura, poesia e música, e o precursor aviação e balística, fato que justamente pelo alcance de seus interesses, sua mente e personalidade foi, possivelmente, o ser humano mais bem dotado que já tenha existido...

Nascido como filho ilegítimo de um notário e uma camponesa, foi educado no ateliê do importante pintor florentino Verrochio. O início de sua vida profissional, grande parte foi a serviço de um nobre da Renascença em Milão. Posteriormente foi para Veneza, Roma e Bolonha, sempre como pintor. Passou seus últimos dias na França, numa casa que lhe foi presenteada pelo Rei Francisco I. Duas de suas obras são consideradas as pinturas mais famosas, mais reproduzidas e mais parodiadas de todos os tempos. Trata-se de a e a "Última Ceia" e "Mona Lisa".

A "Última Ceia", reproduzida na página ao lado, é um afresco medindo 4,60 x 8,80 m e foi pintada na parede da sala de almoço do antigo convento dominicano, ao lado da Igreja de Santa Maria delle Grazie, em Milão, por volta de 1495/96. Uma obra marcante

e cheia de simbolismos, muito estudada por especialistas em arte exatamente por conter muitas mensagens ocultas. Diferentemente da técnica do afresco utilizada desde a Antiguidade, cuja tinta é aplicada sobre uma base úmida composta de gesso ou argamassa, Da Vinci preferiu aplicar a tinta sobre a superfície seca, fato que ocasionou sua rápida deterioração, o que fez com que a obra fosse restaurada por diversas vezes.

A cena retrata Jesus na parte central da mesa e os 12 apóstolos localizados à direita e à esquerda e representam o episódio bíblico da Última Ceia de Jesus juntamente com seus apóstolos antes de ser preso e crucificado. Leonardo escolheu representar a passagem descrita pelo evangelista João no capítulo 13 em que anuncia aos seus apóstolos que alguém entre eles o trairia. Se nos detivermos com atenção na reprodução do afresco, podemos notar que está ausente da cena uma das peças mais importantes de toda a simbologia cristã: o cálice da eucaristia. No entanto, essa ausência é justificada porque Da Vinci representou fielmente o que é narrado no Evangelho de João, onde não é citada a presença de um cálice e consequentemente da eucaristia. Curiosamente este detalhe está presente em muitos outros pintores da Renascença.

---

*Optamos por apresentar verticalmente as imagens nas aberturas dos capítulos, uma vez que, seus formatos, em sua maioria, se apresentam no sentido horizontal.*

*Ocorre que, se reproduzida horizontalmente, na dupla de páginas, a figura de Jesus Cristo, no centro de todas elas, estaria comprometida exatamente por localizar-se no meio do livro. Pedimos desculpas pelo incômodo do "vira-vira" no momento da visualização, mas desta forma é possível observar com maior clareza toda a beleza das imagens.*



# Capítulo 1

## *O que procurais?*

### Objetivos:

- Refletir sobre como abordamos a Eucaristia.
- Reconhecê-la como verdadeiro alimento, fonte de missão e serviço.

**“Em verdade, em verdade vos digo: estais me procurando não porque vistes sinais, mas porque comestes pão e ficastes satisfeitos” (Jo 6, 26).**

Escolhemos este versículo para abrir o tema sobre a Eucaristia que nos acompanhará durante este ano. Compreendemos que, para alcançar seu pleno significado, precisamos aprender a parar e refletir sobre como abordarmos o mistério do Pão da Vida, deixando-nos interpelar pelo Mestre e perguntando-nos qual é o sentido mais profundo que a celebração da Eucaristia tem para nós.

O Papa Francisco, no início de suas catequese sobre a Eucaristia em 2017 e 2018, ajudou a nos situarmos diante de nosso modo de participar da celebração da Santa Missa, recordando-nos o testemunho de tantos cristãos que morreram para defendê-la. *“É um testemunho que nos interpela a todos e que pede uma resposta sobre o que significa para cada um de nós participar do sacrifício da missa e aproximar-se da mesa do Senhor. Estamos à procura desta fonte que flui como água viva para a vida eterna, que faz da nossa vida um sacrifício espiritual de louvor e ação de graças e que nos torna um só corpo com Cristo?”*<sup>5</sup>

5. Papa Francisco, audiência geral de 8 de novembro de 2017, disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2017/documents/papa-francesco\\_20171108\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2017/documents/papa-francesco_20171108_udienza-generale.html)

## Por que celebramos a Eucaristia?

Para responder a esta questão central da nossa vida de fé vamos, neste capítulo, aprofundar uma parte do discurso sobre o pão da vida. Lembremos que ele é composto de três partes principais. A primeira parte em Jo 6, 1-21 apresenta dois fatos: a multiplicação dos pães e dos peixes e a caminhada de Jesus sobre as águas. A segunda contém o discurso sobre o pão da vida perante a multidão na sinagoga de Cafarnaum, em Jo 6, 22-59. A terceira contém o diálogo que segue esse grande discurso e que confronta Jesus com os seus discípulos em Jo 6, 60-71.<sup>6</sup>

Tomemos a segunda parte onde o Mestre, após a multiplicação dos pães e a caminhada sobre as águas, encontra a multidão que o procura do outro lado do lago e que questiona: *“Rabi, quando chegaste aqui?”* (Jo 6, 25).

Se olharmos bem, Jesus não responde à pergunta, mas revela o motivo que a fundamenta: *“Em verdade, em verdade vos digo, estais me procurando, não porque vistes sinais, mas porque comestes pão e ficastes saciados”* (Jo 6, 26). Jesus percebe que a multidão parou no sinal material que ele realizara anteriormente, o da multiplicação dos pães e dos peixes. Contentam-se com a necessidade satisfeita e não vão mais longe, não compreendem a profundidade do significado que esse sinal contém.

Esse encontro entre o Jesus e as pessoas que o seguiam recorda-nos as conversas e os debates que por vezes surgem entre os fiéis sobre o preceito, ou a “validade” da missa do sábado para o domingo, ou ainda a forma como o pároco local celebra, bem ou mal. Muitas pessoas se concentram no acessório em vez de buscar o essencial: o significado profundo da celebração eucarística. Quando vamos à missa simplesmente e apenas porque o primeiro mandamento da Santa Madre Igreja nos ordena, perdemos a profundidade do dom que nos foi feito.

---

6. Jean Zumstein, *O Evangelho Segundo São João*, Sígueme, Salamanca, 2016, p. 265.

Vamos à missa porque precisamos deste pão que nos dá a vida eterna e que nos é indispensável. É precisamente por isso que a Igreja o ordena como preceito, como uma mãe que cuida dos seus filhos porque os ama.

## Os seres humanos têm necessidades

Entre as muitas necessidades vitais do ser humano, comer e beber são das mais importantes. É por isso que o alimento é o primeiro dom que Deus dá ao homem na história do Gênesis, como um ato paterno: E Deus disse: *“Eu vos dou, sobre a terra inteira, toda erva que dá semente e todas as árvores que produzem fruto com sua semente, para que vos sirvam de alimento”* (Gn 1, 29). Este dom torna-se uma resposta do Criador à necessidade humana.

Essa necessidade não pode ser satisfeita de qualquer maneira. Qualquer coisa comestível não é recomendada porque qualquer coisa comestível não é digerível. É por isso que Deus, no Gênesis (2, 16-17), ordenou ao homem: *“Podes comer de todas as árvores do jardim, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, pois no dia em que dela comeres, decerto morrerás”*. Deus não nos diz, por capricho, quais os alimentos que não podemos comer, mas por amor, pois conhece o que não podemos digerir e nos adverte, da mesma forma que um pai que atravessa a floresta e diz ao filho: *“Não coma essas frutas ou esses cogumelos, porque são venenosos”*.

## Necessidade de saciedade

Estamos todos prontos para fazer o que for preciso para alcançar nossos desejos e para sermos satisfeitos. Da mesma forma que a multidão também perguntamos a Jesus: o que devemos fazer?

Jesus denuncia a ilusão do ser humano de alcançar por seus próprios meios o que é mais necessário para satisfazer seus desejos. Quando buscamos nos saciar de tudo sem medida nem discernimento, a voracidade transforma em tóxica a nossa forma de nos relacionarmos com a comida e com

os demais bens, a ponto de estarmos bem somente quando nos sentimos felizes, satisfeitos e conseguimos o que queremos. Isto é a gula que se torna idolatria quando procuramos naquilo que não é Deus o que pode saciar a nossa vida e enchê-la de sentido.

Depois dos sinais, do discurso, do encontro, a multidão continua a pedir um pão que não é aquele que Jesus oferece. O mesmo ocorre com a Samaritana que pede uma água que nada tem a ver com a fonte de vida eterna que Jesus lhe oferece, ou com Nicodemos, que não compreende o nascer de novo a que se refere Jesus.

Da mesma forma, muitas vezes pedimos celebrações eucarísticas que nada têm a ver com o que Jesus nos oferece; ou reuniões de equipe que estão muito longe do dom que nos é proposto e oferecido pelo Movimento; ou uma vida de casal que nem sequer se aproxima da vocação que Deus nos deu pelo sacramento do Matrimônio; ou mesmo uma boa família que não é a Igreja doméstica instituída no dia do nosso casamento.

Aproximamo-nos de Jesus, pedindo-lhe que responda às necessidades, certamente legítimas, mas insuficientes e pobres diante dos dons que nos quer oferecer.

Essa reflexão nos convida a reencontrarmos as nossas necessidades reais, aquelas que realmente saciam a fome e a sede que trazemos em nossa vida, em nosso matrimônio e em nossa família, e a redescobrirmos a oferta de Jesus e a confiarmos n'Ele.

## **Cristo, o único alimento que satisfaz**

É neste momento que Jesus lhes revela que as obras esperadas para satisfazer a sua vida não consistem num “fazer”, mas num “crer” que orienta o “fazer”. Este não é um serviço a ser prestado, mas a aceitação de um presente, de um dom. Deixar-se amar, identificar o verdadeiro alimento, confiar ou não no pai, comendo ou não daqueles cogumelos da floresta que parecem “apetitosos”.

E isso fazemos como crianças que vivem um processo de amadurecimento, mas o Pai está sempre ao nosso lado cuidando de nós e acompanhando-nos. Ele até nos mima! Entendemos que somos chamados para descobrir o seu amor por nós e receber o seu pão da vida. Ele parece falar-nos assim, como diz a canção: “Se por um segundo você visse como eu te olho, você não iria querer ver mais nada (...) e eu tremo imaginando que quando você chegar no paraíso, será difícil respirar no abraço que daremos um no outro” (*One Second*, Hakuna Group Music).

Somos convidados a acreditar que todas as necessidades que criamos e que nos fazem buscar e buscar, desejar e desejar, estão tentando substituir uma única necessidade verdadeira: o amor de Deus manifestado em seu Filho Jesus. É por isso que Jesus proclama que Ele é o verdadeiro “pão da vida”.

Da mesma forma que a multidão, tivemos experiências preciosas de satisfação do Senhor, mas também continuamos a exigir sinais que atendam às nossas necessidades mais básicas e satisfaçam nossa ganância. Às vezes somos muito teimosos! Para superar isso, sugerimos que vocês reflitam sobre como ou quando Jesus atendeu às vossas necessidades mais profundas por meio da Eucaristia, por meio de vossa oração pessoal ou conjugal ou por meio de vossa equipe.

Procuremos iniciar essa abordagem da Eucaristia também do ponto de vista do casal, para não pensar apenas individualmente, mas para ver como podemos alimentar-nos dela em nossa vida conjugal. O Padre Caffarel realizou as reflexões que deram origem ao texto “O Matrimônio e a Eucaristia”, e algumas partes serão citadas nos capítulos seguintes. Tais reflexões foram propostas quando, na primavera de 1959, em Roma, com outros sacerdotes, dava a comunhão aos mil casais de peregrinos das Equipes de Nossa Senhora. Ele indicou que naquela época teve a intuição da estreita ligação entre os dois sacramentos, o Matrimônio e a Eucaristia. Em seu texto, ele propõe uma oração que permite “que a Eucaristia ‘faça’ a sua casa, faça a sua unidade. Por que, quando vocês acabam de receber a Comunhão e se encontram lado a lado na igreja, não a recitam juntos? *“Senhor, derrama em nós o teu espírito de amor; aqueles que*

*acabas de saciar com o sacramento pascal, que o teu amor lhes dê um só coração.”<sup>7</sup>*

## Palavra de Deus

Lemos a Palavra de Deus considerando tudo o que discutimos anteriormente, e vemos que é em essência uma introdução a este texto bíblico: Jo 6, 24-34.

*“Quando, pois, a multidão percebeu que nem Jesus, nem os seus discípulos estavam aí, entraram nos barcos e foram a Cafarnaum, à procura de Jesus. Encontrando-o no outro lado perguntaram-lhe: ‘Rabi, quando chegaste aqui?’. Jesus respondeu: ‘Em verdade, em verdade vos digo: estais me procurando, não porque vistes sinais, mas porque comestes pão e ficastes saciados. Trabalhai não pelo alimento que perece, mas pelo alimento que permanece para a vida eterna e que o Filho do Homem vos dará, pois a este Deus Pai o marcou com seu selo’. Perguntaram então: ‘Que devemos fazer para praticar as obras de Deus?’. Jesus respondeu: ‘A obra de Deus é que creiais naquele que ele enviou’. Eles perguntaram: ‘Que sinais realizas para que o vejamos, e creiamos em ti? Que obras fazes? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deus-lhes de comer pão do céu’. Jesus respondeu: ‘Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu. Meu Pai é quem vos dá o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo’. Eles então pediram: ‘Senhor, dá-nos sempre desse pão!’.”*

## A reunião mensal da equipe

### Acolhimento

Durante as reuniões de equipe que teremos durante este ano, seremos convidados a realizar alguns sinais de

---

7. Henri Caffarel, *Casamento e Eucaristia*, publicado na revista *L'Anneau d'Or – Casamento, caminho para Deus*, número especial 117-118, mai-ago de 1964 - (pp. 242-265). Texto para ajudar a compreender o tema da revista, disponível em [https://henri-caffarel.org/sites/default/files/PT/22\\_intervention\\_barbiero-pt-\\_corrige\\_mcg\\_2.pdf](https://henri-caffarel.org/sites/default/files/PT/22_intervention_barbiero-pt-_corrige_mcg_2.pdf)

boas-vindas. Dada a diversidade das situações e contextos dos casais em nosso Movimento, todos devem entender isso como uma PROPOSTA para que cada casal animador possa adaptá-la de acordo com a realidade de sua equipe em vista de se tornar um sinal específico.

Neste primeiro encontro, convidamos vocês a colocar um cesto vazio no meio da mesa em volta da qual estais reunidos. Com estas ou outras palavras ou outras semelhantes podeis, em clima de oração, introduzir este primeiro sinal.

Este cesto vazio representa o espaço, em nós, a ser preenchido frente às necessidades que trazemos: cada um de nós, cada casal, cada família e nossa própria equipe. São necessidades legítimas que precisamos atender, mas não nos sentimos capazes por nós mesmos. Conhecemos nossas deficiências e nossas necessidades, sofremos com elas e ansiamos que sejam preenchidas! Porém, sabemos que esta cesta é um símbolo que nos acompanhará durante este ano e que a única coisa que pode preenchê-la e nos satisfazer é: **A verdadeira comida que dura para a vida eterna** (cf. Jo 6, 55).

## Coparticipação

Neste momento, além de comentar as experiências significativas vividas durante o mês somos convidados a partilhar uma experiência de participação na Eucaristia. Aquele acontecimento foi preparado por nós de uma maneira particular? Aquele momento tinha um significado mais profundo para nós?

## Oração

Proclamar Jo 6, 24-34.

Depois de ter proclamado o texto bíblico, propomos-lhes três momentos de oração: um pedido de perdão, uma súplica ao Senhor e uma ação de graças. Em cada momento, convidamos um cônjuge do casal animador a ler a passagem bíblica proposta e o outro cônjuge a ler a oração proposta em seguida; feito isso, deixar um tempo de silêncio para que cada um

possa rezar o que isso significa na sua vida ou para quem desejar exprimi-lo com uma simples oração em voz alta.

## Perdão

*Cônjuge 1: “Em verdade, em verdade eu vos digo: estais me procurando, não porque vistes sinais, mas porque comestes pão e ficastes saciados” (Jo 6,26).*

Cônjuge 2: Pedimos perdão, Senhor, por procurarmos a ti apenas quando precisamos de sinais concretos que ofereçam respostas fáceis para as situações difíceis, e por nos esquecermos de ti quando as coisas vão bem e pensamos não precisar de ti.

***Pedimos perdão por... (intenções livres)***

## Súplica

*Cônjuge 1: “Perguntaram-lhe então: que devemos fazer para praticar as obras de Deus? Jesus respondeu: a obra de Deus é que creiais naquele que ele enviou” (Jo 6,28-29).*

Cônjuge 2: Senhor, pedimos que nos ajude a agir como cristãos, para colaborarmos com a construção do Reino a partir da terra, no hoje de nossa vida. Senhor, aumentai a nossa fé.

***Senhor, nós te pedimos... (intenções livres)***

## Ação de graças

*Cônjuge 1: “Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu. Meu Pai é quem vos dá o verdadeiro pão do céu, pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6, 32-33).*

Cônjuge 2: Senhor, nós te agradecemos por ser o verdadeiro alimento da nossa vida.

***Senhor, nós te agradecemos... (intenções livres)***

## Partilha

Podemos partilhar os pontos concretos de esforço e, neste mês, vamos nos concentrar em partilhar aquele ou aqueles

que nos ajudaram a viver a Eucaristia de forma mais consciente. Existe algum PCE que nos tem desafiado a ter uma atitude de maior verdade, de maior consciência da vontade de Deus para as nossas vidas, de maior procura da nossa união como esposos através da Eucaristia?

Propomos um Dever de Sentar-se que nos permita falar honestamente se realmente sabemos o que Deus quer nos dar dando-se por nós. Como ou quando Jesus respondeu às nossas necessidades mais profundas através da Eucaristia, através da nossa oração pessoal ou conjugal, ou através da nossa equipe? Reflitamos sobre o que significa para o nosso casal que a Eucaristia seja a fonte do nosso amor e da nossa unidade, se realmente nos ajuda a ser “um só coração”, como propõe a oração do Padre Caffarel. Poderíamos fazer isso acontecer em nossas vidas? Compartilhemos essas reflexões pessoais em nosso diálogo conjugal.

## Perguntas para o tema de estudo

1. Existem membros das equipes que não terão acesso à Eucaristia no próximo domingo – alguns porque não têm sacerdotes, para celebrá-la, outros porque vivem em lugares sem liberdade religiosa para professar livremente a fé. A maioria de nós poderá escolher a hora, o lugar e até o padre, e, se isso não nos convém, adiar para outro domingo. Como nos sentimos diante da possibilidade de celebrar a Eucaristia com tanta facilidade onde vivemos?
2. Quais são nossas necessidades mais importantes como casal e família no momento atual?
3. Como estamos tentando atender a essas necessidades?
4. A Eucaristia responde às nossas necessidades ou temos dificuldade em compreender como ela se relaciona com a nossa vida concreta?

## Para Turim

Nesta primeira reunião, provavelmente já tomamos uma decisão sobre nossa participação no Encontro Internacional de Turim em julho de 2024. Podemos partilhar em equipe

o que temos refletido sobre este encontro, onde estamos, o que decidimos, as razões desta ou daquela decisão.

## Magnificat

### Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém.



## *Pascal Adolphe Jean Dagnan Bouveret* (1852-1929)

### A Última Ceia

*Museu d'Orsay - Paris/França*

Pascal Adolphe Jean Dagnan Bouveret foi um pintor e fotógrafo francês e um dos principais artistas franceses da escola naturalista. Nasceu em Paris em janeiro de 1852 e faleceu em julho de 1929. Filho de um alfaiate, foi criado pelo avô depois que o pai emigrou para o Brasil. Mais tarde, ele acrescentou o nome do avô, Bouveret, ao seu.

Tornou-se um dos principais artistas franceses da escola do Naturalismo e pintou vários quadros retratando a Bretanha. A partir de 1869 estudou na École des Beaux-Arts, com Alexandre Cabanel e Jean-Léon Gérôme. A partir de 1875/1880 participa de importante exposição e ganha medalhas de primeira classe e honra por suas obras "Um Acidente" e "Cavalos no Bebedouro". A partir da década de 1880, Dagnan-Bouveret, juntamente com Gustave Courtois,

manteve um estúdio em Neuilly-sur-Seine, um subúrbio elegante de Paris. Nessa altura foi reconhecido como um importante artista moderno conhecido pelas suas cenas camponesas, mas também pelas suas composições místico-religiosas. Ele foi um dos primeiros a usar o então novo meio de fotografia para trazer maior realismo às suas pinturas.

Uma de suas principais obras, "A Última Ceia", trabalho executado em grande escala e exibido no importante Salon de Champ-de-Mars em 1896, retrata com excepcional realismo o momento da elevação do cálice e, com a outra mão, toca suavemente o pão, marcando assim o momento simbólico da Eucaristia quando, no capítulo 26 do Evangelho de Mateus, Jesus agradece pelo pão e pelo vinho e os reparte a seus discípulos.



## Capítulo 2

*Ele tomou o pão...*

### Objetivos:

- Compreender a Eucaristia no contexto da Páscoa e o que significa o novo banquete. – Deixar Jesus levar as nossas fraquezas.

### O banquete eucarístico: Páscoa

Na noite em que seria traído, Jesus estava celebrando a Páscoa com seus discípulos. Este jantar era uma liturgia familiar, onde se comia o Cordeiro imolado, onde se transmitia aos pequeninos a ação salvífica de Deus sobre o seu povo, onde se celebrava a realização da libertação e onde se manifestava à espera da plenitude que viria com Elias. Páscoa significa literalmente “passar”. O povo de Israel, escravizado no Egito, estava prestes a passar para a liberdade quando o anjo saltava suas casas na morte dos primogênitos.

Este episódio é aberto com esta pergunta dos discípulos: *“Onde queres que vamos preparar-vos a ceia pascal?”* (cf. Lc 22,9). E o próprio Jesus expressou o seu grande desejo de celebrar esta Páscoa em particular, a última da sua vida: *“Tenho desejado ardentemente comer convosco esta ceia pascal, antes de padecer”* (Lc 22, 15), e ordenou que se encontrasse um lugar adequado, espaçoso e confortável.

Dentro dessa Páscoa judaica, Jesus instituirá uma nova Páscoa, porque ao dizer *“Fazei isto em memória de mim”*, ele mudará o evento libertador que estava no centro da Páscoa judaica, para celebrá-lo em três direções: como evento passado, como evento presente e como uma antecipação do futuro definitivo. O que é esse novo evento de salvamento?

Os quatro relatos que temos da instituição da Eucaristia, em três Evangelhos (Mt 26,17-30; Mc 14,12-25; Lc 22,7-20) e na primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (1 Cor 11, 17-34), assim como as alusões que lhe são feitas no Evangelho de João (Jo 6, 51-59), dão-nos indicações preciosas sobre o sentido que Jesus quis dar àquele banquete.

Trata-se de um novo banquete instituído por Jesus, uma refeição com dois elementos, o pão e o vinho, que sempre tiveram grande importância na tradição judaica, e que lhes é conferido um novo significado. O pão era o alimento fundamental para saciar a fome e, portanto, um símbolo de vida. O vinho era a bebida festiva, símbolo de alegria, amizade e aliança. Jesus ao retomá-los dá-lhes também um novo significado e conteúdo: são o seu corpo doado e o seu sangue derramado, ou seja, é ele mesmo que se doa pelo bem dos homens. É uma ação que não tem precedentes em nenhuma religião. O fato de alguém dar seu corpo para comer e seu sangue para beber é uma inovação completa de Jesus Cristo, que causou escândalo até mesmo entre seus contemporâneos e seus discípulos. Mas as palavras de Jesus são claras e categóricas. Não é um alimento metafórico. O que recebemos sob a aparência do pão e do vinho é o Corpo e o Sangue do Senhor, isto é, ele mesmo, que se ofereceu por nós. E ao recebê-lo entramos numa união íntima com Ele que nos introduz na própria vida trinitária: “Como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, também o que comer de mim viverá por mim” (Jo 6, 57).

Naquele contexto pascal, a celebração judaica era marcada pela bênção das quatro taças. A primeira é a bênção por tudo o que foi recebido; a segunda inicia a liturgia pascal; a terceira é a da redenção; a quarta é a da consumação da promessa, que encerra a celebração pascal.

É importante entender que Jesus, segundo o relato de Lucas,<sup>8</sup> consagra o pão entre a segunda e a terceira taça.

8. Lc 22,17, 19-20: “Então, recebendo um cálice, deu graças e disse: ‘Tomai este cálice e partilhai entre vós’ (...). A seguir, tomou o pão, deu graças, partiu-o e lhes deu, dizendo: ‘Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim’. Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado por vós’”.

A partir daquele momento a Páscoa está surpreendentemente aberta, pois após a terceira taça eles cantam os salmos e, sem abençoar a quarta taça,<sup>9</sup> eles partem para o Monte das Oliveiras.

Isso, que deve ter espantado os discípulos judeus, tem um significado muito profundo e só será compreensível depois da crucificação, porque se pode entender que o quarto cálice da completude é tomado por Jesus na cruz, quando Lhe é trazida a esponja no vinagre e proclama “Está consumado” (Jo 19, 30).

## O pão da aflição

Além das taças de vinho, um elemento fundamental da Páscoa judaica era o pão. Jesus “tira” da mesa o material que os outros fizeram, ele mesmo não o fez, mas transforma uma realidade que antes Lhe foi apresentada.

“O primeiro gesto de Jesus, ‘pegou o pão e o cálice de vinho’, corresponde, portanto, à preparação dos dons. É a primeira parte da liturgia eucarística. É bom que sejam os fiéis a apresentar o pão e o vinho, porque representam a oferenda espiritual da Igreja reunida para a Eucaristia. (...) Certamente, a nossa oferta é pequena, mas Cristo precisa deste pouco. O Senhor pede-nos tão pouco e dá-nos tanto. Ele pede tão poucas coisas de nós. Ele nos pede, na vida cotidiana, boa vontade; ele nos pede um coração aberto; ele nos pede o desejo de sermos melhores para acolher aqueles que se oferecem a nós na Eucaristia; ele pede-nos estas oferendas simbólicas que depois se tornarão o seu Corpo e o seu Sangue.”<sup>10</sup>

É por isso que, cada vez que celebramos a Eucaristia, dizemos: “Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano...”; reconhecendo que é um alimento simples e

---

9. Mc 14, 26: “Depois de cantar o hino, saíram para o Monte das Oliveiras”.

10. Catequese do Papa Francisco, 28 de fevereiro de 2018, disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2018/documents/papa-francesco\\_20180228\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2018/documents/papa-francesco_20180228_udienza-generale.html)

aparentemente pobre, mas que exige o trabalho de semear, colher, moer, amassar, cozinhar. É um trabalho comunitário, é uma cultura, é o encontro em torno de uma mesa, é a acolhida, é o relacionamento. É também toda essa realidade que o Senhor Jesus toma nas mãos para celebrar a Páscoa.

O pão é algo essencial, daí a palavra hebraica, *lejem* (לֶחֶם), que significa “alimento”, “necessidade”. Por outro lado, é significativo que a palavra guerra (*lehilachem*, לְהִלָּחֵם) conserve a mesma raiz, entendendo que é a defesa das necessidades da vida que muitas vezes causa as guerras.

Quando Jesus toma o pão, leva as nossas necessidades e também os nossos conflitos. Desde o início da criação, os seres humanos vivem na crença de que suas necessidades devem ser atendidas e defendidas por eles mesmos, deixando a providência e a confiança em Deus em segundo plano. Essa falta de confiança levou a humanidade a se concentrar no ter e no obter como objetivo vital que dinamiza nosso relacionamento com Deus, com os outros e com nós mesmos. E acaba por se tornar a primeira maldição: “No suor do teu rosto comerás o pão...” (Gn 3, 19).

Deve-se entender que o pão que Jesus usa é um pão ázimo. Não é um pão macio, esponjoso, gostoso. É um pão de gente sem recursos (sem fermento). Com efeito, quando o sacerdote abençoa na Páscoa, diz: “É o pão da pobreza que os nossos antepassados comeram na terra do Egito”. É o pão comido com o suor do rosto, é o pão feito pelos escravos ávidos de liberdade, é o pão da aflição.

## Deixar-se pegar

Deixar que Deus coma o nosso pão na aflição permite-nos viver na bênção, não ficar mais na defensiva, experimentar que Deus é um Pai providencial que nos dá um alimento que pode realmente nos satisfazer: “Com efeito, minha carne é verdadeira comida e meu sangue é verdadeira bebida” (Jo 6, 55). O Padre Caffarel ajuda-nos com as suas palavras sobre a Eucaristia:

*“Na missa, Cristo está presente em seu sacerdote. Pelas mãos do sacerdote é ele quem leva, como na Última Ceia, o pão e*

*o vinho. E que dá graças a seu Pai. Mas este pão e este vinho são o sinal visível de uma realidade invisível: o seu corpo doado pelos homens, o seu sangue derramado por eles. Não deixe passar esta palavra 'sinal' sem lhe dar todo o seu significado. Uma comparação tirada de sua própria vida o ajudará nisso. Um dia você deu um anel para sua noiva, e ela sem dúvida considerou neste presente não antes seu valor de mercado, mas seu valor como um sinal: em seus olhos, este anel era o sinal de um coração e de uma vida que se ofereciam a ela. Da mesma forma, o pão e o vinho, na missa como na Última Ceia, não devem ser apreciados pelo seu valor material, mas pelo seu valor de sinal: são sinal de um coração, de uma vida, do coração e da vida do Cristo que se oferecem ao Pai, com grande fervor de amor, pela salvação de todos os homens. ( )"*

*Enquanto o anel simboliza, mas não contém o coração e a vida do esposo, o pão e o vinho não apenas representam, mas contêm o Corpo e o Sangue de Cristo. Então você entende por que a Igreja ensina que na missa o sacrifício de Cristo é ao mesmo tempo simbolizado e tornado verdadeiramente presente. Presente para que o ofereçamos e dele participemos".<sup>11</sup>*

## Palavra de Deus

### Introdução ao texto bíblico

A última aparição de Cristo Ressuscitado de que nos fala São João, no lago Tiberíades, oferece-nos uma visão maravilhosa da presença de Jesus na Igreja de hoje. Sete discípulos estão pescando juntos. Sendo o número sete um símbolo de totalidade, pretende enfatizar que a tarefa de "pescar" é de todos e para todos juntos. A princípio, o trabalho é inútil: "mas não pescaram nada naquela noite" (Jo 21, 3b). Os discípulos procuram suprir suas necessidades por conta própria, sem contar com a graça e retomando o curso normal das coisas. Parece que depois da experiência com o mestre nada mudou, nada foi retirado do seu modo anterior de ver e fazer as coisas.

---

11. Henri Caffarel, *Casamento e Eucaristia*, publicado na revista *L'Anneau d'Or – Casamento, caminho para Deus*, número especial 117-118, mai-ago 1964 - (pp. 242-265).

De madrugada, como no dia da ressurreição, Jesus aparece, não no barco, mas em terra seca, porém bem perto. Em uma situação nova, envolto na glória do Pai, não abandona os seus discípulos, segue-os de perto nas suas vicissitudes e nas suas dificuldades, embora não se envolva diretamente no seu trabalho. Os discípulos não o reconhecem, pois vivem ainda nas trevas da fé. Jesus manda lançar a rede, quer atender às suas necessidades reais, manda a Igreja evangelizar, contra todas as dificuldades e cálculos pessimistas. E os discípulos, embora não o reconhecessem, ouviram-no e lançaram a rede. E porque seguiram a iniciativa de Jesus, tiveram uma pesca esplêndida.

O próprio Jesus preparou esta refeição para eles. Mas ele pede uma contribuição aos discípulos: “Trazei alguns dos peixes que agora apanhastes” (Jo 21,10). Esta contribuição vem do fruto da “pesca”, “fruto do trabalho humano”. “Jesus veio, tomou o pão e lhes deu, e fez a mesma coisa com o peixe.” (Jo 21,13). Jesus serviu-lhes comida, como já havia feito tantas vezes antes, e especialmente na noite antes de sua morte.

Jesus Ressuscitado convida os apóstolos a entrarem em uma nova dinâmica na qual experimentam um Pai providencial. Eles se entregam a uma noite desastrosa de pesca improdutiva e que, com a Palavra de vida de Jesus, satisfazem suas necessidades e o acontecimento se torna um encontro fraterno, um convite, um sinal do Reino que já começou.

## Texto de Jo 21, 1-14

*“Depois disso, Jesus tornou a manifestar-se aos discípulos, junto ao mar de Tiberíades. Manifestou-se deste modo: estavam juntos Simão Pedro, Tomé chamado Dídimo, Natanael de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu e outros dois de seus discípulos. Simão Pedro lhes disse: ‘Eu vou pescar’. Eles responderam: ‘Nós também vamos contigo’. Saíram, então, e subiram ao barco, mas não pescaram nada naquela noite. Pela manhã, Jesus estava na praia, mas os discípulos não sabiam que era Jesus. Este perguntou-lhes: ‘Filhinhos, tendes alguma coisa de comer?’. Responderam: ‘Não’. Ele lhes disse: ‘Lançai a rede à direita do barco, e achareis’. Eles lançaram a rede, e não*

*conseguiam puxá-la por causa da quantidade de peixes. Então, o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: 'É o Senhor!'. Simão Pedro, ouvindo dizer que era o Senhor, vestiu sua túnica, pois estava despido, e lançou-se à água. Os outros discípulos vieram com o barco, arrastando as redes com os peixes. De fato, não estavam longe da terra, mas somente uns duzentos côvados. Quando saltaram à terra, viram um braseiro preparado com peixe em cima e pão. Jesus disse-lhes: 'Trazei alguns dos peixes que agora apanhastes'. Então, Simão Pedro subiu ao barco e puxou a rede para terra. Estava cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, apesar de serem tantos, a rede não se rompeu. Jesus disse-lhes: 'Vinde e comei'. Nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar quem era ele, pois sabiam que era o Senhor. Jesus veio, tomou o pão e lhes deu, e fez a mesma coisa com o peixe. Esta foi a terceira vez que Jesus, ressuscitado dos mortos, se manifestou aos discípulos."*

## A reunião mensal da equipe

### Acolhimento

Convidamos você a preparar uma cesta vazia no centro da mesa.

Cada membro da equipe recebe um pedaço de pão, de preferência pão sem fermento, para deixar claro que é o pão dos pobres.

Começamos a reunião pegando o pedaço de pão em nossas mãos, e cada um pondera em silêncio o que significa este "pão de aflição" para sua vida neste momento e o que pode significar, neste momento da história, para tantas pessoas.

Após este momento, cada pessoa permite que o conselheiro espiritual, presença de Cristo sacerdote, pegue o seu pão e o coloque na cesta.

### Coparticipação

Neste momento, podemos partilhar nossas reflexões sobre o pão da aflição e como experimentamos esse sentimento durante este mês.

## Oração

Lemos o texto bíblico proposto no capítulo Jo 21, 1-14.

Depois de ter proclamado o texto bíblico, oferecemos-lhe três momentos de oração para agradecer, pedir perdão e fazer uma súplica ao Senhor. A cada momento, convidamos um sdo casal animador a ler a passagem bíblica e o outro a ler a oração proposta, deixando um momento de silêncio para que cada um possa rezar o que isso significa na sua vida e para quem o desejar possa exprimi-lo em uma oração simples.

## Ação de graças

*“Estavam juntos Simão Pedro, Tomé chamado Dídimo, Natanael de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu e outros dois de seus discípulos.”*

Senhor Jesus, nós te agradecemos por nos permitir viver nossa fé em comunidade. Obrigado pelo nosso casamento, nossa família e nossa equipe. Concedei-nos, no meio de todas as dificuldades, poder permanecer unidos.

*(intenções livres)*

## Perdão

*“Simão Pedro lhes disse: ‘Eu vou pescar’. Eles responderam: ‘Nós também vamos contigo’. Saíram, então, e subiram ao barco, mas não pescaram nada naquela noite.”*

Nós te pedimos perdão, Senhor, pelas vezes em que procuramos suprir nossas necessidades por conta própria, causando noites escuras, cansaço desnecessário e frustrações.

*(intenções livres)*

## Pedido

*“Pela manhã, Jesus estava na praia, mas os discípulos não sabiam que era Jesus. Este perguntou-lhes: ‘Filhinhos, tendes alguma coisa de comer?’. Responderam: ‘Não’. Ele lhes disse: ‘Lançai a rede à direita do barco, e achareis.’”*

Pedimos-te Senhor que mantenha a tua presença constante na vida da nossa equipe, sempre estiveste ao nosso lado mesmo que não percebêssemos que eras tu. Não canse de nos deixar ir ao seu encontro e de atender às nossas necessidades.

## Partilha

Partilhamos os pontos concretos de esforço. Neste mês, propomos uma partilha especialmente sobre a regra de vida.

Para isso, propomos que você reflita sobre quais atitudes em sua vida podem prejudicar aqueles que convivem com você. E, ao reconhecê-las, coloque-se no caminho da melhoria, permitindo-se ser ajudado.

Como sugestão para o Dever de Sentar-se, propomos um diálogo possível em torno dos aspectos de sua vida que constituem este “pão da aflição”, suas fraquezas, para que entre vocês dois possam construir esta possível regra de vida da qual vos falamos antes. E veja como você pode evitar machucar o outro e deixar o outro ajudá-lo a carregar “aquele fardo”.

## Perguntas para o Tema de Estudo

Jesus quer tirar a tua vida, é fundamental que ele possa tomar nas suas mãos as tuas necessidades, com toda a sua pobreza. Você entendeu que ele precisa tirar sua pobreza concreta para realizar seu projeto de amor? Como você vive essa realidade? Como você experimenta deixar-se levar por Jesus?

Você entende a Eucaristia como um pesach, uma “passagem” da escravidão para a liberdade? Você acha que essa “passagem” é possível em sua vida, está esperando por isso? Você acredita que é Deus quem pode tornar isso possível? Você já experimentou?

## Para Turim

Neste mês, pedimos que reflitam sobre nossa solidariedade para o Encontro de Turim. Já pensamos em ajudar outras pessoas a chegar lá – da nossa equipe, do nosso Setor, da nossa Região, da nossa SR, de outras SR e Regiões? Esta ajuda pode ser prestada de várias formas: financeiramente, pessoalmente, com carinho e atenção às famílias dos membros da equipe durante os dias de encontro, na oração, na animação?

## Magnificat

### Oração pela Canonização do Padre Henri Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: “Vem e segue-me”.

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém.



## *Carl Heinrich Bloch*

1834/1890

### A Última Ceia

*Capela do Castelo de Frederiksborg  
Hillerod, norte de Copenhagen*

Nascido em Copenhagen/Dinamarca, o importante pintor Carl Heinrich Bloch era filho do comerciante Joergen Peter e de Ida Emile Bloch. Seus pais desejavam que seu filho seguisse a carreira de oficial da Marinha, isto porém não era a vontade de Carl. Seu interesse maior era tornar-se um grande pintor. E assim por volta de 1855 ingressou na Real Academia Dinamarquesa de Arte para desenvolver seus estudos e trabalhos no mundo das artes. Quatro anos após seu ingresso na academia recebeu uma bolsa de viagem, fato que lhe permitiu conhecer outros países como Holanda, França e Itália. Nestas viagens pôde aumentar seus conhecimentos e nutrir uma grande admiração pela obra de Rembrandt, que influenciou sobremaneira o desenvolvimento da carreira de Bloch.

Carl Bloch casou-se com Alma Trepka em Roma, em 1868. Tiveram uma vida muito feliz e próspera até a morte prematura de sua esposa, em 1886. A tristeza pela perda de sua esposa e ficar só com os oito filhos foi muito difícil para o pintor continuar dedicando-se com vigor à sua arte.

Em 1865, teve seu primeiro grande sucesso com a exposição da obra "Die Befreiung des Prometheus", em Copenhagen, e, logo após a morte de Marstrand, ele terminou a decoração do salão cerimonial da Universidade de Copenhagen.

Logo em seguida foi contratado para produzir 23 pinturas para a Capela do Palácio de Frederiksborg, sendo oito retábulos que foram considerados os melhores. Todas as cenas da vida de Cristo registradas no trabalho se tornaram muito populares como ilustrações. Os originais, pintados entre 1865 e 1879, ainda se encontram no Palácio de Frederiksborg, entre elas a "A Última Ceia", reproduzida na página ao lado.

Hoje, mais de cem anos após a morte de Carl Bloch, jovens artistas de todo o mundo fazem peregrinação no Castelo de Frederiksborg para estudar as pinturas do grande mestre.

Bloch morreu na mesma cidade em que nasceu, com a idade de 55 anos. Sua morte foi um golpe para a arte nórdica. Para Sophus Michaelis, "a Dinamarca perdeu o artista que era indiscutivelmente o maior entre os vivos"...



# Capítulo 3

## *Ele deu graças...*

### Objetivos:

- Aprofundar o significado da bênção.
- Reconhecer a Eucaristia como fonte de bênção para nós e nossos próximos.

A bênção é uma das grandes tradições presentes na história do povo de Israel. Já no começo, uma das promessas de Deus a Abraão é precisamente a bênção. *“Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Por ti se abençoarão todas as tribos da terra”* (Gn 12, 3).

Mas é sem dúvida na Eucaristia, ponto culminante da história da salvação, que a bênção assume uma dimensão nova e absoluta, assim como sublinham tanto os relatos evangélicos como as Cartas do Novo Testamento.

A Igreja, no ritual da Eucaristia, manteve essa oração essencial em diferentes momentos, na apresentação das ofertas: “Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano...”, na oração eucarística: “...ele tomou o pão, deu graças...” e no envio final da missa, onde todos somos abençoados pelo sacerdote antes de sairmos. Por todas essas razões, parece-nos importante aprofundar seu significado.

Se olharmos para o contexto litúrgico do *Pesaj* ou a Páscoa judaica em que essa bênção ocorre, o que Jesus fez não é uma oração pessoal de ação de graças. Em uma tradução mais precisa, em vez de dizer que Jesus abençoou o pão, diz-se que Jesus pronunciou uma bênção. Na realidade, após o rito da Páscoa, o que Jesus fez naquele momento foi recitar a oração que os judeus proclamavam:

“Abençoado você, nosso Deus, rei do universo, que tira o pão da terra.” Jesus, portanto, recita uma bênção, que não é a mesma coisa que abençoar o pão. Jesus agradece a Deus, o abençoe pelo pão.

## E o que significa abençoar?

A palavra bênção vem do latim *benedicere* e significa “dizer do bem”, *bene* (bom), *dicere* (dizer). A bênção assume que a palavra contém um presente em si que se torna um bem para nós. Portanto, é um bem que não transforma a realidade do objeto ou do sujeito, mas modifica o significado que ele tem para mim. É importante entender que a bênção não é um ato mágico que muda a materialidade do que é abençoado, mas que muda o profundo significado que ele tem para nós.

Como o Papa Francisco disse em sua homilia em Corpus Christi no ano de 2019: *“Por que a bênção faz bem? Porque é a transformação da palavra em um dom. Quando abençoamos, não fazemos algo por si mesmo, mas para os outros. Benzer, que não quer dizer palavras agradáveis, não é para usar palavras de circunstância: não, é dizer bem, dizer com amor. (...) Quantas vezes fomos abençoados, nós também, na igreja ou em casa, quantas vezes ouvimos palavras que nos fizeram bem, ou um sinal da cruz em nossa testa ... Fomos abençoados no dia do Batismo e, no final de cada missa, somos abençoados”*.<sup>12</sup>

Jesus não abençoa o pão, mas abençoa a Deus, proclama o *ברכה* *beraka* (em hebraico), o *εὐχαριστία*, a *Eucaristia* (em grego), “a ação da graça” que, quando começamos a perceber, não é mais um termo, mas está no coração da experiência do povo de Israel, da comunidade cristã primitiva e de toda a igreja.

Em suma, o que fazemos quando abençoamos? Reconhecemos a origem divina de tudo e, portanto, sua bondade. A partir desse reconhecimento, damos ao

---

12. Papa Francisco, Homilia de Corpus Christi, 2019, disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-06/homilia-integral-papa-solenidade-corpus-christi.html>

ordinário da existência, ao cotidiano da vida, um significado transcendente e vivificante.

Quando Deus criou o homem e a mulher, ele os abençoou, ele lhes deu uma força vital bonita, boa e verdadeira (Gn 1, 27-31), o que resultou em um relacionamento extraordinário com Deus, entre eles e com a natureza. Esse relacionamento foi interrompido pelo pecado! Adão e Eva foram tentados e, por desconfiança e medo de serem julgados, eles quebraram esse relacionamento com Deus, entrando em uma dinâmica de maldição. E tudo isso, que até aquele momento serviu de encontro, união, vida, por causa das consequências prejudiciais do pecado, se torna uma maldição (Gn 2, 17-20). Adão se esconde de Deus de quem se envergonha, confronta sua mulher. Tudo se transforma e fica amaldiçoado.

A Eucaristia nos leva de volta ao paraíso. Jesus enche este pão com a sua relação e união com o Pai e nós, através da Eucaristia, somos chamados a entrar novamente na dinâmica da bênção. “Você ainda deve oferecer um ao outro, juntos, oferecer sua união, aos diferentes planos onde ela se realiza: uma só carne, um só coração, uma só alma. Oferecer a tua união carnal ao mesmo tempo santa e pecaminosa (...). Oferecer o seu coração único, este coração que certamente não está imune ao velho egoísmo, mas que você aspira ser o templo de Deus. Oferecer também esta união de suas almas, atadas por Deus no nível mais profundo do seu ser, neste centro onde vive a vida divina. Esta oferta de sua união, em todos esses níveis, não é um presente supererrogatório de seu lar, mas sua participação no sacrifício de Cristo.”<sup>13</sup> A grandeza da Eucaristia é que ela nos permite passar de uma dinâmica de maldição para uma dinâmica de bênção capaz de transformar nossas vidas.

Ser casal eucarístico é abraçar a nossa vida e a nossa história, aconteça o que acontecer, como nos diz o Padre Caffarel: *“Mas entenda bem. Para que este sacrifício de Cristo se torne*

---

13. Henri Caffarel, *Casamento e Eucaristia*, publicado na revista *L'Anneau d'Or – Casamento, caminho para Deus*, número especial 117-118, mai-ago 1964 - (pp. 242-265).

*vosso, não basta que ofereçais o seu corpo e o seu sangue. O dom do anel não substitui o dom do coração e da vida, ele o supõe. Da mesma forma, a oferta do Corpo e Sangue de Cristo requer seu próprio dom interior. O dom de cada um de vós, sem dúvida, mas também o dom da vossa pequena comunidade conjugal. Este dom tem múltiplos aspectos sobre os quais vamos refletir: é preciso oferecer-se a Deus, oferecer-se juntos, oferecer-se aos filhos, e mais amplamente tudo o que faz a sua existência”,<sup>14</sup> poder ver a beleza em tudo, porque Deus está presente, e a partir desta convicção podemos sentir-nos amparados. Mas, para isso, temos que sair do nosso ritual de maldição que nos faz todos os dias desconfiar dos outros, que não aceita a realidade, que foge do sofrimento, que se lembra do mal e o guarda no coração... e todo domingo, quando celebramos a Eucaristia, entramos com Jesus na liturgia da bênção.*

*“A Eucaristia é uma escola de bênção. Deus fala bem de nós, seus filhos amados, e assim nos encoraja a seguir em frente. E bendizemos a Deus em nossas assembleias (cf. Sl 68, 27), redescobrimo o sabor do louvor, que liberta e cura o coração. Vamos à missa com a certeza de sermos abençoados pelo Senhor, e saímos para abençoar a nós mesmos, por nossa vez, para sermos canais do bem no mundo.”<sup>15</sup>*

## Palavra de Deus

### Introdução ao texto bíblico

A Carta aos Efésios dirigida às comunidades cristãs da Ásia Menor começa com um hino de louvor a Deus Pai porque Cristo nos abençoou.

Como vimos neste capítulo, Paulo usa a fórmula judaica de bênção no sentido “ascendente”, ou seja, dirigido a Deus. Paulo bendiz a Deus porque nos escolheu, porque nos incorporou a si mesmo, considerando-nos seus filhos.

---

14. Padre Caffarel, idem.

15. Papa Francisco, Homilia de Corpus Christi, 2019, disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-06/homilia-integral-papa-solenidade-corpus-christi.html>

Porque esse plano se realizou mediante a redenção operada por Cristo e porque essa graça se manifestou.

Cristo definitivamente quebra a história da negatividade e nos mostra que somos todos filhos de Deus. Por isso abençoamos e damos graças.

Texto de Efésios 1, 3-10:

*“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda bênção espiritual nos céus, em Cristo. Nele, Deus nos escolheu, antes da fundação do mundo, para sermos santos e íntegros diante dele, no amor. Conforme o desígnio benevolente de sua vontade, ele nos predestinou à adoção como filhos, por obra de Jesus Cristo, para o louvor e glória de sua graça, com que nos agraciou no seu bem-amado. Nele, e por seu sangue, obtemos a redenção e recebemos o perdão de nossas faltas, segundo a riqueza da graça, que Deus derramou profusamente em nós, abrindo-nos para toda a sabedoria e inteligência. Ele nos fez conhecer o mistério de sua vontade, segundo o desígnio benevolente que formou desde sempre em Cristo, para realizá-lo na plenitude dos tempos: recapitular tudo em Cristo, tudo o que existe no céu e na terra.”*

## A reunião mensal da equipe

### Acolhimento

No encontro anterior, entendemos que o nosso pão da aflição era o pão que Jesus queria tomar e transformar. Convidamo-vos, pois, a iniciar a reunião abençoando o pão que vamos repartir à mesa.

### Coparticipação

Nesta coparticipação, somos convidados a reconhecer as vezes em que nos sentimos abençoados neste mês, em que dissemos coisas boas a alguém e os momentos em que deveríamos ter feito isso, mas não tivemos coragem ou não fizemos.

## Oração

Lemos o texto bíblico proposto no capítulo: “Bendito seja Deus Pai” (Ef 1, 3-10).

São tantas linhas de maldição em nosso coração, tantos pontinhos, tantos pontos que não são bênçãos. Muitas vezes, somos bloqueados pela memória das coisas que deveriam ser perdoadas, pelos nossos erros, pela amargura. Mas podemos pedir sem medo a Deus pelas nossas necessidades, é o Espírito Santo que salva, que ilumina o coração, que entra e nos leva para a terra da bênção.

Façamos um momento de silêncio e procuremos recordar tudo o que o Senhor fez por nós, tudo o que Ele nos deu, tudo de bom que temos recebido.

Deixamos crescer dentro de nós esta oração de bênção, reconhecendo Deus como Deus, adorando-O, louvando-O e agradecendo-O.

Convidamos vocês agora a fazerem da oração um momento de intimidade para o casal, no qual, um pouco afastados dos outros, cada um pondo as mãos no outro, eles fazem uma oração de bênção a Deus Pai, concluindo com o sinal da cruz na testa do cônjuge.

## Partilha

Podemos partilhar com a equipe os frutos da vivência dos PCEs em nossas vidas.

Como sugestão para este mês, propomos um Dever de Sentar-se em que a bênção seja o tema principal do seu diálogo:

- Bênção a Deus por sua presença e acompanhamento em nossa vida. Nós o reconhecemos? Nós apreciamos isso?
- Bênção do nosso cônjuge. Nesse Dever de Sentar-se, não haveria espaço para reprovações, seria possível dizer “o bem do outro”. Agradecer por uma atitude que nos ajuda, que nos permite crescer e melhorar.

- Bênção à nossa equipe. Podemos reconhecer e expressar o bem que nossa equipe, os casais que a compõem e o sacerdote conselheiro espiritual ou acompanhante espiritual fazem.
- Bênção à Igreja, à nossa paróquia, à comunidade que formamos e ajudamos, com a qual trabalhamos.

A partilha deste mês poderia enfatizar este Dever de Sentar-se sobre a bênção.

## Perguntas para o tema de estudo

A oração de bênção é talvez a oração mais característica do cristão, que reconhece a Deus como Deus e sabe louvá-lo e agradecê-lo. Que experiência você tem com a oração de bênção? Como ela o ajuda?

A experiência do pecado não é algo abstrato, todos nós experimentamos realidades belas, profundas, agradáveis, e algumas que se transformaram em “maldições”, algumas vezes impossíveis de compreender e aceitar. Qual é a causa dessas mudanças? O que realmente mudou? Em cada uma dessas experiências, a Eucaristia nos ajudou?

Temos podido experimentar a Eucaristia como uma fonte de bênção?

## Para Turim

Para amar algo mais profundamente, é preciso conhecê-lo melhor. Se não considerarmos o encontro como nosso, será muito difícil sentirmo-nos parte do Encontro Internacional que o Movimento nos oferece. A proposta para este mês é que estejamos atentos a todas as informações que temos: cartas, boletins, site e redes sociais que nos falam do Encontro Internacional. Também podemos lembrar o Encontro de Fátima de 2018 em cartas anteriores, onde lemos sobre as experiências dos participantes e o que significou para eles poder participar.

## Magnificat

## Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém.



## Henryk Siemiradzki

(1843-1902)

### A Última Ceia

*Trabalho desenvolvido para a Catedral de Cristo Salvador - Museu Estatal Russo*

Foi um pintor russo, naturalizado polonês, nascido em Chuhuiiv Raion, império russo, hoje Ucrânia. Seu pai, Hipolit Siemiradzki, era um general do exército imperial russo. Henryk estudou no ginásio de Kharkov, onde aprendeu a pintar. Também estudou física, matemática, ciências naturais e artes na Universidade Nacional de Kharkov, onde obteve doutorado, mudando-se posteriormente para São Petersburgo a fim de estudar pintura na Academia de Artes da Rússia. Em 1873, obteve o título de acadêmico por seu quadro "Christ and a Sinner", baseado no verso de Aleksey K. Tolstoy chamado *Sinner* (Pecador). Em 1878, recebeu a medalha de ouro da Exposição Universal de 1878 por seu quadro "Flower Vase" (Vaso de Flor).

Henryk passou a maior parte de sua vida produtiva em Roma e foi mais lembrado por sua monumental arte acadêmica. Ele era particularmente conhecido por suas representações de cenas do antigo mundo greco-romano e do Novo Testamento, pertencentes a muitas galerias nacionais da Europa.

Muitas de suas pinturas retratam cenas da Antiguidade, cenas pastorais ensolaradas ou composições que apresentam a vida dos primeiros cristãos em temas bíblicos e históricos.

Embora os críticos de arte às vezes se incomodassem com a sua paixão pelos temas escolhidos, o público o idolatrava. Criou sete obras para a Igreja de Moscou, mas nem todas receberam aprovação da crítica. Entretanto "A Última Ceia", caso da reprodução na página ao lado, causou aprovação universal e foi o trabalho mais popular em seu tempo, a ponto de um dos maiores críticos da época, Repin, escrever na imprensa que a obra era a melhor coisa que havia na Igreja.

Siemiradzki morreu em 1902, em Varsóvia, aos 58 anos.





# Capítulo 4

## *Ele partiu o pão...*

### Objetivos:

- Reconhecer o profundo significado do partir o pão.
- Celebrar a Eucaristia como sacramento da unidade.

### A fração do pão

Os judeus começam a refeição da Páscoa com o gesto da partida do pão pelo pai da família. Este é exatamente o gesto que Jesus fez durante a Última Ceia: “Ele pegou o pão e o partiu”. Esse valor era tal que, na era apostólica, toda celebração eucarística era chamada de “a fração do pão”.

Como podemos começar a perceber, esse rito simples tem não apenas um objetivo prático, aquele de fazer com que a comida chegue a todos os convidados, mas também tem um significado muito profundo, que tentaremos partilhar e propor uma compreensão neste capítulo.

Ao refletirmos sobre o gesto prático que fazemos antes de cada refeição, descobriremos rapidamente que o pão, para ser comestível, deve ser quebrado em pedaços menores. Ninguém pega uma fatia de pão na mesa e imediatamente começa a dar uma mordida. Mesmo quando nos entregamos um pequeno pedaço de pão durante uma refeição mais refinada, não o colocamos diretamente na boca. É mais confortável e mais educado reduzirmos o seu tamanho e fazermos de uma única fatia de pão uma pequena porção que podemos mastigar e digerir. Dessa maneira, o pão deve perder sua unidade e sua integridade para ser útil e cumprir corretamente a função para a qual foi criado.

É impressionante notar que esse gesto, que podemos entender como uma cortesia prática e elementar, tanto durante a instituição da Eucaristia como em outras ocasiões relatadas no Evangelho, é solenemente realizado pelo próprio Cristo. Lembremos que nos cinco relatos evangélicos da multiplicação dos pães e dos peixes, bem como no belo relato dos discípulos de Emaús, é sempre Jesus quem parte o pão.

Por um lado, esse gesto de Jesus é compreensível a partir de sua posição na comunidade. É Ele quem, como o pai na refeição da Páscoa, preside a família, é Ele quem foi chamado a tomar a iniciativa e a partir o pão para que chegue a todos e para que possa ser digerido e se tornar alimento. Mas, além desse gesto inicial, podemos ver como a fração do pão se torna o gesto de toda a vida e o dom de si feito pelo Mestre, que também é quebrado e compartilhado, como o pão, para se tornar o alimento da vida para todos.

Se lembrarmos da celebração da Eucaristia, há um momento em que o padre quebra o pão que já foi consagrado. Este rito é realizado após o abraço da paz e enquanto se reza o “Cordeiro de Deus...”.

Infelizmente, nos acostumamos a esse gesto, mas reflitamos por um segundo que, depois de proclamar que esse pedaço de pão é o verdadeiro Corpo de Cristo, que ele é sua presença real e pessoal, a primeira coisa que fazemos é parti-lo. Esta quebra deve atingir nossa sensibilidade, mais do que se tivéssemos uma foto de nosso cônjuge, nossos pais ou nossos filhos, porque neste caso seria uma memória quebrada, enquanto na forma dedicada tem uma presença real, a presença de um Deus inteiro.

Por outro lado, devemos ficar impressionados com o fato de que, enquanto o pão consagrado está quebrado, todos dizemos:

*“Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.*

*Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.*

*Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz.”*

Por que é uma aparente contradição? Porque, por um lado, dizemos que Jesus é o Cordeiro de Deus, o verdadeiro cordeiro da Páscoa. Se for esse o caso, uma das características do cordeiro da Páscoa é: *“Nem lhe quebrareis osso algum”* (Ex 12, 46), então por que o quebrarmos?

Porque em Jesus, no amor de Deus, existe a grandeza de uma aparente contradição: eu quebro, para que você possa assumir meu amor, mas não quebro. Eu me dou e moro, mas com isso eu dou a vida.

Jesus, o Cordeiro de Deus, está repartido, não quebrado. E isso, que parece ser um jogo sem importância de palavras, é extremamente significativo. Só está apaixonado quem se possa partir em mil pedaços, sem quebrar.

Como o pão, somos chamados a partir para alcançar o outro, para nos tornar pequenos, para que o outro possa nos levar, para que sejamos um alimento; mas ao mesmo tempo essa ruptura não nos quebra. Somente um casamento unido pelo amor de Deus e consagrado por seu espírito pode ser quebrado, tornado digestível para o outro, sem se quebrar internamente.

Em cada Eucaristia, Jesus, que é o Cordeiro de Deus, está partido, mas não quebrado e, além disso, em cada Eucaristia, nós, o Corpo Místico de Cristo, somos chamados a viver o milagre para partir a nossa vida sem quebrá-la. A experiência nos mostra que isso é impossível sem a graça. Por nossas próprias forças, sem a Eucaristia, nossa vida se divide em mil pedaços, quebra, quebra.

A última aparente contradição que experimentamos na fração do pão é experimentar como o fato de quebrar, de colocar em pedaços de si, não quebra a nossa unidade comunitária, mas, pelo contrário, a fortalece.

Essa realidade também tem um sinal sacramental na Eucaristia, que passa despercebida em grande parte, tanto que alguns de vocês podem se surpreender por nunca terem notado.

Depois do Cordeiro de Deus, quando o pão aparentemente perdeu sua unidade, o padre solta um pedaço de pão

dentro no cálice. Um gesto, ao mesmo tempo simples e importante, que lembra como, nos primeiros anos do cristianismo, o Papa celebrava a missa e enviava os presbíteros para celebrarem nas igrejas nos arredores. Para estes, ele dava uma partícula da Eucaristia que ele havia consagrado, que era chamado de *fermentum*. Cada padre, durante a celebração de sua missa, colocava o *fermentum* no cálice como um sinal de comunhão com o Papa. É assim que a Eucaristia se manifestou como o sacramento da unidade e da comunhão.

Por outro lado, como a ordenação geral do Missal Romano especifica: “O sacerdote faz a fração do pão e coloca uma parte da hóstia no cálice, para significar a unidade do Corpo e do Sangue do Senhor na obra da salvação, ou seja, do Corpo vivente e glorioso de Cristo Jesus” (IGMR 83).

Como vemos a cada momento, tal aparente divisão, quando vivida na graça eucarística, torna possível a unidade no amor.

## Sacramento do Matrimônio e da Eucaristia

Essa ideia de unidade baseada no sacramento da Eucaristia também encontra uma imagem preciosa no sacramento do Matrimônio, como o padre Caffarel nos lembrou muitas vezes. Ele insistiu no fato de que a força da união com a maior comunidade que é a Igreja através da Eucaristia, também é realizada, em pequena escala, nesta primeira comunidade que formamos como marido e mulher, nutrindo-a com a verdadeira comida que é o próprio Cristo. Como na Eucaristia, ser chamado a partir por amor pode dar a sensação de quebrar, perder sua identidade, se desintegrar em mil coisas; mas tudo isso, vivido na Eucaristia, nos permite viver uma verdadeira unidade e comunhão:

*“(...) espero ter convencido vocês de que a Eucaristia, pelas graças que ela traz para cada cônjuge, já contribui e, poderosamente, para o enriquecimento do seu amor entre marido e mulher e de toda sua vida familiar. Mas ela faz isso de uma maneira mais direta ainda em virtude de seu poder de*

*unificação, o poder que lhe vale ser chamado de 'sacramento da unidade'. De fato, o poder unido da Eucaristia não apenas obtém a unidade de toda a comunidade cristã, mas também a das comunidades intermediárias. Podemos, portanto, ter bastante certeza de que a Eucaristia tem um papel fundamental a desempenhar para fortalecer a união daqueles que Deus uniu pelo casamento, não apenas para santificar cada um dos cônjuges, como já vimos, embora que isso seja uma maneira indireta de enriquecer sua união, mas para fortalecer e santificar o próprio vínculo que os une. (...) Ele ainda precisa comer para viver e crescer. O sacramento do Matrimônio, ele une o homem e a mulher; mas, no momento em que sua união for privada do Corpo de Cristo, ela permanecerá sem sangue, sem resistência, sem vitalidade. Por outro lado, se ela recorrer à Eucaristia, ela encontrará coesão, juventude do amor, dinamismo de crescimento, desenvolvimento, santidade, ela se tornará comunidade de amor, comunhão da vida. (...)”<sup>16</sup>*

## Deixar ir

E, no entanto, apesar de toda esta referência à unidade que ouvimos no capítulo, não podemos esquecer aquilo de onde partimos, ou seja, que esta unidade se realiza na aparente contradição da fração do pão.

O significado profundo da fração é aceitar um rompimento de nós mesmos a fim de adaptar o nosso ser e doá-lo para que o outro, especialmente o nosso cônjuge e nossos filhos, possa acolhê-lo, alimentá-lo e dar-lhe vida.

Temos nossas ideias, nossos projetos, mas para fazer a vontade de Deus temos que nos deixar partir; temos nossas pretensões, e para entrar no amor devemos nos deixar partir; temos os nossos hábitos, e para entrar na vida nova que Cristo nos dá, devemos nos deixar partir.

Quem não está disposto a deixar-se partir, não pode dar-se, não pode dar a vida, não pode aceitar a surpresa, a

---

16. Henri Caffarel, *Casamento e Eucaristia*, publicado na revista *L'Anneau d'Or – Casamento, caminho para Deus*, número especial 117-118, mai-ago 1964 - (pp. 242-265).

mudança, a contradição e o milagre de deixar-se partir para viver em unidade.

Pessoas que têm ideias fixas, casais que pensam já ter o caminho todo traçado e irretocável, as equipes que não permitem a mínima mudança porque julgam que o tempo foi suficiente para consolidá-las, aqueles que não se deixam ir, que não se deixam tomar e partir, que não se fazem pequenos para que os outros sejam aceitos, não estarão abertos a discernir as novas propostas que podem conduzi-los à Vida perfeita em Deus.

Cada vez que se partilha o pão, é partilhada a vida, e Deus que é Vida-Amor se faz presente. Não há outra maneira de se identificar com Deus e aproximá-lo dos outros. A Eucaristia é a memória dessa atitude de Jesus que partiu e partilhou. Partindo-se e partilhando-se, tornou presente Deus que é dom total.

## Palavra de Deus

### Introdução ao texto bíblico

Tanto nos relatos da instituição da Eucaristia como nos relatos da multiplicação dos pães e dos peixes, presentes em todos os Evangelhos, é Jesus quem toma o pão, quem pronuncia a ação de graças e quem o parte. Isto porque o sinal não é que os pães se multipliquem, porque sempre foram cinco, mas que partindo e dividindo esses poucos pães, essa divisão se torna uma multiplicação milagrosa que alimenta a todos.

Não é necessário excluir ninguém, não é necessário que ninguém saia. Jesus pega o que está aí, a realidade que existe, que pode não ser a mais abundante ou a melhor, e a transforma em alimento para muitos, transformando uma lógica do descarte em uma lógica de comunhão e comunidade.

Somente suas mãos podem fazer multiplicar o que está dividido. Elas fazem aquilo que poderia significar para nós perder a vida, na verdade nos faça ganhá-la e torna-se uma fonte de vida para todos.

Jesus faz coisas novas, nos dá uma nova vida, um novo cômjuge, novos filhos; mas faz tudo isso a partir do que foi dado, faz novo tudo o que nos foi dado.

Texto de Jo 6, 1-14:

*“Depois disso, Jesus foi para o outro lado do mar da Galileia, ou seja, de Tiberíades. Uma grande multidão o seguia, porque via os sinais que ele fazia em benefício dos enfermos. Jesus subiu a montanha e sentou-se ali com seus discípulos. Aproximava-se a Páscoa, a festa dos judeus. Levantando os olhos e vendo que uma grande multidão vinha a ele, Jesus disse a Filipe: ‘Onde vamos comprar pão para que estes possam comer?’. Disse isso para experimentar Filipe, pois ele bem sabia o que iria fazer. Filipe respondeu: ‘Nem duzentos denários de pão bastariam, para dar um pouquinho a cada um’. Um dos discípulos, André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe: ‘Está aqui um menino com cinco pães de cevada e dois peixes. O que é isso, porém, para tanta gente?’. Jesus ordenou: ‘Fazei-os sentar-se’. Naquele lugar havia muita relva, e lá se sentaram os homens em número de aproximadamente cinco mil. Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu aos que estavam sentados, tanto quanto queriam. E fez o mesmo com os peixes. Depois que se saciaram, disse aos discípulos: ‘Juntai os pedaços que sobram, para que nada se perca!’. Eles juntaram e encheram doze cestos com os pedaços dos cinco pães de cevada que sobraram aos que haviam comido. À vista do sinal que Jesus tinha realizado, as pessoas diziam: ‘Este é verdadeiramente o profeta que deve vir ao mundo’.”*

## A reunião mensal da equipe

### Acolhimento

Nas reuniões anteriores entendemos que o nosso pão de aflição era o pão que Jesus queria tomar e esse pão era então abençoado. Neste encontro, convidamos vocês a começar por oferecer um pão inteiro que será partido e repartido entre todos, em sinal de unidade a partir do gesto de partir da fração do pão.

## Coparticipação

Neste momento, podemos coparticipar se neste mês tivemos uma experiência de serviço à família, ao casal, à comunidade, ao trabalho. Um dom que tenha podido ajudar alguém. Que “pão” da nossa vida partimos?

## Oração

Lemos o texto bíblico proposto no capítulo Jo 6, 1-14.

Por trás deste texto não se esconde apenas um anúncio da Eucaristia vindoura. Em Jesus há também uma preocupação real por quem tem fome, por quem precisa, por quem procura uma resposta para os seus males reais e concretos do cotidiano. Todos juntaram o pouco que tinham e com tudo o que juntaram ficaram satisfeitos.

Podemos oferecer nesta oração o que temos de mais difícil para deixar Deus “quebrar” em nossa vida, o que defendemos pensando que, se isso nos toca, afetará nosso ser e nos quebrará.

Nesta oração há lugar para louvor, ação de graças, oferta, pedido, tudo o que queremos colocar nas mãos do Senhor.

## Partilha

Vamos fazer uma partilha sobre os PCEs – pontos concretos de esforço –, como nos ajudaram a viver o mês. Como, graças a eles, nos abrimos à descoberta da vontade de Deus em nossas vidas; como nos ajudaram a desenvolver nossa capacidade de viver a verdade e como nos estimularam a aumentar nosso encontro e nossa comunhão.

Poderíamos fazer uma partilha este mês de maneira especial sobre a oração conjugal. Aqui vão algumas sugestões que podem nos ajudar a fazer esta partilha: Qual é a oração mais fácil para fazermos juntos e como? Temos vivido regularmente a oração conjugal, mesmo que o tempo seja curto? Existe algum aspecto da nossa vida que foi

transformado por esta oração? Temos procurado viver na verdade este tempo de encontro e oração conjugal?

Como sugestão para o Dever de Sentar-se, propomos um diálogo em torno dos aspectos de nossa vida que constituem esse “deixar partir”. Quais são as coisas que sinto que estão me “quebrando”? Como eu poderia passar do medo de ser quebrado para o desapego? Quais são os aspectos da minha vida que não estou pronto a mudar e que poderiam ser modificados um pouco para facilitar nossa vida de casal? Eles poderiam ajudar a melhorar meus relacionamentos e meu modo de vida nos campos da missão em que estou ou estamos engajados?

### Perguntas para o tema de estudo

Que experiência você teve pessoalmente, ou envolvendo outras pessoas, que fez você sentir que em Jesus tirou forças onde parecia não haver mais nada? Quando você experimentou que, dando a sua vida, você ganha?

Qual é a sua experiência do “deixar-se partir” para que seu cônjuge, seus filhos, seus pais, amigos pudessem se sentir amados? Quando você experimentou que com seus “cinco pães” inúteis, Jesus trouxe algo importante ou lhe deu força onde parecia não haver mais nada?

### Para Turim

Neste mês, pedimos que tenham em mente todas as pessoas que participam das várias equipes de serviço que preparam o encontro e que as recomendem especialmente em nossas orações. Convidamos vocês a visitar o site do Encontro Internacional para poder dar uma olhada, conhecer um nome de alguém real, no meio de tantas pessoas que trabalham de maneira desinteressada para que tudo corra bem.

### Magnificat

## Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém.



## *Bartolomé Esteban Murillo*

(1617-1682)

### A Última Ceia

*Igreja de Santa Maria la Blanca - Sevilha/Espanha*

Murillo foi um dos maiores artistas do Barroco espanhol. Nasceu em Sevilha, na Espanha, onde passou a maior parte da sua vida. Seu pai, Gaspar Esteban, barbeiro, e sua mãe Maria Pérez Murillo tinham uma família muito numerosa, sendo Murillo o 14º filho. Seus pais morreram muito cedo, quando ele ainda não havia completado onze anos. Órfão, o menino Bartolomé ficou aos cuidados da sua irmã Ana.

Murillo iniciou a sua aprendizagem artística com o seu (suposto) tio, Juan del Castillo. Ficou trabalhando com ele cerca de dez anos com fins meramente comerciais, até que se muda para Cádiz.

Produzir imagens sacras, retratos de conhecidos, paisagens, tudo se transformava em fonte de renda imediata. Os quadros encontram boa aceitação nas feiras que regularmente se realizam em Sevilha. Em 1645 recebeu a sua primeira encomenda importante: treze quadros para um claustro do Convento de São Francisco, em Sevilha, onde estão até hoje. Tendo conquistado boa reputação com esta série de pinturas, tomou o lugar de Zurbarán como o pintor mais popular da cidade, posição que preservou intocada até o fim de sua vida.

“A Última Ceia”, reproduzida nesta dupla de páginas, pertencente à Igreja de Santa Maria la Blanca em Sevilha, é uma das manifestações de estilo mais impressionantes do pintor. A técnica do *chiaroscuro*, instituída no Renascentismo, se define pelo contraste entre luz e sombra, mas que exige do artista um domínio perfeito da técnica justamente porque provoca intensa dramaticidade à cena.

Neste quadro de Murillo, a figura de Jesus recebe um tratamento artístico da melhor qualidade se comparado com obras do mesmo gênero de outros pintores. Seu olhar expressa uma certa sobrenaturalidade e ao mesmo tempo grande proximidade aos seus discípulos. O gesto de abençoar o pão, assim como sua postura ereta ante ao contraste luminoso em seu rosto e suas mãos, atribui à obra um valor intensamente divino. As mãos dos discípulos completam também a atitude interior de referência ao mistério da qual participam.

A pintura de Murillo é um ícone que acrescenta à nossa bagagem cultural cristã muita fé nesta experiência divina que é a Eucaristia.



# Capítulo 5

*Ele lhes deu...*

## Objetivos:

- Valorizar a doação de Jesus na Eucaristia.
- Deixar-se transformar para dar a própria vida.

Embora tenha havido grandes mudanças na percepção da religião, boa parte do que é religioso no mundo é marcada pelo medo. Existe uma forma latente de terror humano diante das coisas inexplicáveis e difíceis da vida. Perguntas sobre Deus, como “Quem é Deus”, “Como estar diante de Deus”, nos assustam porque nos colocam diante da vertigem da transcendência. Tememos que Deus realmente entre em nossas vidas porque pensamos: “O que Ele vai me pedir, o que Ele vai conseguir, o que devo dar a Ele, vou perder o controle da minha vida?”.

Mas no mistério da Eucaristia, **vemos claramente que é exatamente o contrário: Deus não tem o que pedir, Deus tem algo a dar.** Devemos deixar o sentimento do medo ser substituído pela confiança, para entrar na mentalidade filial, olhando para Deus como Pai, olhando para o Senhor Jesus Cristo como aquele que se faz servo por amor de nós, que se doa a nós, que é para nós.

## A vida como um presente

Todos os gestos que Jesus realizou durante a Última Ceia, que dissecamos e partilhamos, têm como objetivo último a doação de si. Uma fé que busca apenas ser conduzida segura nas mãos do Pai é uma fé autorreferencial, uma fé que busca a si mesma. Uma fé que busca apenas ouvir palavras de bênção que dão sentido à vida é uma fé autossatisfeita.

Uma fé que apenas pretende que Jesus mude tudo é uma fé que busca a perfeição.

Só quem se deixa levar, quem é abençoado e transformado, quem se deixa abandonar, compreende a profundidade da proposta de Deus para a sua vida.

Visto sob este ângulo, o egoísmo torna nossa vida incompleta, anula o sentido profundo de tudo para o qual fomos criados e torna vazia a existência, porque nossa vida foi criada para ser doada. O que é a amizade, a vida, o trabalho, a paternidade, o sacerdócio senão um dom de si, um serviço aos outros? Tudo é lindo quando você atinge esse objetivo. O que podemos dizer no final de nossa vida para que ela tenha um sentido? Amei, me doei, me entreguei?

## Jesus se entrega

O que Jesus faz na Última Ceia, o que faz neste gesto concreto “Ele o deu”, é o que fez ao longo de todo seu ministério; este gesto simples e concreto expressa e reflete tudo o que foi a sua vida, como dissemos com o gesto da fração do pão. Jesus agora se entrega definitivamente, antecipando neste gesto pascal, neste gesto eucarístico, o que vai acontecer na cruz, na Paixão.

Em algumas línguas temos dois verbos diferentes para expressar esse conceito. Em espanhol, por exemplo, temos de dar e entregar, com diferentes nuances. Dar está relacionado a um presente, algo estranho a nós e que se oferece, e entregar tem um sentido mais profundo de compromisso pessoal, de dom de si. Em grego, que é a língua em que escreveram os evangelistas, uma única e mesma palavra, um único e mesmo verbo é usado para designar as duas ações: *didomi* (δίδομι). Em grego, dar e entregar são a mesma coisa, quer dizer que é a mesma coisa ver Jesus pondo o pão nas mãos dos discípulos e dar a vida até o último suspiro. E isso supõe que para Jesus não é possível doar-se sem entregar-se totalmente.

“Estamos certamente numa época em que a pessoa humana é usada como objeto e acaba sendo material de descarte. Aos olhos de Deus, não existe material de descarte,

mas somente dignidade. A inquietação que vocês trazem é finalizada a resgatar do descarte. Engajar-se é dar a vida”, disse Francisco.

O Papa Francisco citou um humorista argentino, Luis Landriscina, para explicar a diferença entre colaborar e se comprometer:

*“A vaca, quando nos dá o leite, colabora para a nossa alimentação. Com o leite, fazemos o queijo. Mas para fazer um sanduíche, é preciso também de presunto. Neste caso, o porco não colabora, ele se compromete dando a sua vida para nos dar o alimento. Comprometer-se é dar a vida. E a vida só tem sentido se alguém está disposto a vive-la pelo bem dos demais. Gosto de ver tantos jovens que têm esta vontade de se comprometer. E esta luta por recuperar a dignidade das pessoas exige compromisso. Todos têm que colaborar, mas cristãos têm que se comprometer”<sup>17</sup>*

## Uma comunhão que transforma

E esta entrega recorda-nos que a Eucaristia também nos ajuda a doar pouco a pouco a nossa vida. Ela nos alimenta para que esta vida que nos foi dada não permaneça algo que começa e termina em nós; ela ajuda-nos a ganhar força para descobrir que a vida sem abnegação não tem sentido, é estéril e acaba conosco. A Eucaristia nos ajudará a ganhar força para discernir a missão para a qual cada pessoa, cada casal, cada equipe foi chamada... Aquela que vemos que neste momento devemos assumir. Como nos lembra o Papa Francisco, a celebração da missa visa a comunhão, a união a Jesus, ao seu corpo e ao seu sangue. Jesus, dando-se a nós, ajuda-nos a transformar-nos e a aproximar-nos cada vez mais daquilo que Ele é, com o que isso significa em termos de compromisso para a nossa vida:

*“Celebramos a Eucaristia para nos alimentarmos de Cristo, que se doa a nós, tanto na Palavra como no sacramento do altar, para nos conformar a Ele. O próprio Senhor diz: ‘Quem*

---

17. <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/papa-pede-compromisso-aos-jovens-nao-basta-ser-cristao/>

*come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele' (Jo 6, 56). De fato, o gesto de Jesus dando aos seus discípulos o seu Corpo e o seu Sangue na Última Ceia continua hoje através do ministério do padre e do diácono, ministros ordinários da distribuição, aos irmãos do Pão da Vida e do Cálice da Salvação.”*

Subimos ao altar em procissão para receber a comunhão, na realidade é Cristo que vem ao nosso encontro para nos assimilar a Ele. Há um encontro com Jesus! Alimentar-se da Eucaristia significa deixar-se transformar naquilo que recebemos (...). Cada vez que comungamos, somos mais parecidos com Jesus, somos mais transformados em Jesus. Assim como o pão e o vinho se tornam o Corpo e o Sangue do Senhor, aqueles que o recebem na fé se transformam na Eucaristia viva.<sup>18</sup>

O Padre Caffarel, com a sua intuição profética sobre o amor conjugal, no seu texto sobre o Matrimônio e a Eucaristia, aprofunda a transformação do amor conjugal operada pela Eucaristia e ajuda-nos a compreender que ela é fundamental para o caminho de santidade a que aspiramos:

*“(...) Marido e mulher, vós que comeis a carne de Cristo, que bebeis o seu sangue, que viveis na vossa alma e no vosso corpo a vida de Cristo, que permanecéis nele, e ele em vós, como vós não vos amarias com um amor bem diferente do dos outros homens, com um amor ressuscitado? Vocês podem olhar um para o outro, partilhar suas dores e suas alegrias, dar-se um ao outro de todo o coração e de todo o corpo, ajudar-se mutuamente no caminho, sem ter a sensação de que estão vivendo aí um mistério muito grande? A união entre dois seres, como vós bem sabes, vale o que eles têm em comum. Ora, vós que tirais da Eucaristia a própria vida de Cristo, é esta, esta vida de Cristo, que deveis primeiro pôr em comum. E esta vida em vós é um alegre conhecimento do Pai, uma efusão de amor filial. Mas é também amor pelas criaturas, por todas as criaturas: a admiração, a piedade, a ternura do Senhor habitam em vós. E como é da vontade de Deus que vos ameis com um*

---

18. Papa Francisco, catequese de 21 de março de 2018, disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco\\_20180321\\_udienza-generale](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180321_udienza-generale)

*amor privilegiado, o vosso amor pelo vosso cônjuge é o primeiro a ser transformado pela graça da Eucaristia. Traz-lhe purificação, refinamento, novidade de vida. Leva-te a desejar, para aquele que amas, infinitamente mais do que os esposos mais amorosos, mas ignorantes da promessa de Cristo, aspiram um ao outro, quero dizer o amor e a alegria de Deus, a santidade. Não basta dizer isso. Ainda mais radical é a transformação do vosso amor sob a ação da Eucaristia.*"<sup>19</sup>

## Palavra de Deus

### Introdução ao texto bíblico

A Eucaristia é a presença real de Jesus. Nela não se recebe simplesmente uma graça, mas Aquele em quem toda graça tem sua origem. Com efeito, ao dizer “Esta é a minha carne” (segundo as palavras originais em aramaico), Jesus diz: “Este sou eu”. Trata-se de uma presença “verdadeira, real e substancial”: o pão e o vinho deixam de o ser, embora ainda tenham a sua aparência, e tornam-se o corpo, a alma e a divindade de Jesus. Mas, ao mesmo tempo, é uma presença serva e gloriosa: Jesus continua entre nós como aquele que serve, põe à nossa disposição o seu ser humano e a sua morte na cruz; mas a sua presença já é a do Senhor glorificado, que nos quer associar à sua glorificação. É por isso que Jesus faz da Eucaristia a promessa e a garantia da nossa ressurreição, que deve nos ajudar a transformar-nos.

### Texto de Jo 6,48-58:

*“Eu sou o pão da vida. Os vossos pais, no deserto, comeram o maná e morreram. Aqui está o pão que desce do céu, para que não morra quem dele comer. ‘Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem come deste pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne, para a vida do mundo.’ Os judeus discutiam entre si: ‘Como pode ele nos dar a sua carne a comer?’. Jesus disse: ‘Em verdade, em verdade vos digo: se*

---

19. Henri Caffarel, *Casamento e Eucaristia*, publicado na revista *L'Anneau d'Or – Casamento, caminho para Deus*, número especial 117-118, mai-ago 1964 - (pp. 242-265).

*não comeres a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Com efeito, minha carne é verdadeira comida e meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele. Como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, também o que comer de mim viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu. Não é como aquele que os vossos pais comeram e morreram. Quem come deste pão viverá para sempre'."*

## A reunião mensal da equipe

### Acolhimento

Nas reuniões anteriores preparamos uma cesta com pão, que depois abençoamos e finalmente partimos na última reunião. Nesta ocasião, o conselheiro espiritual distribui o pão, como sinal de dom do pão.

### Coparticipação

Neste momento, além de comentar as experiências significativas que tivemos durante o mês, somos convidados a partilhar uma experiência de dom de si. Que tipo de dom de si sem reserva, sem esperar nada em troca, ocorre em nossas vidas mais ou menos diariamente? Em outras palavras, o que você está disposto a fazer sem reserva, quando a oportunidade surgir? Quando foi a última vez que algo assim aconteceu?

### Oração

Proclamamos o texto de Jo 6, 48-58.

Oferecemos uma oração em duas partes. Uma primeira parte de ação de graças e de louvor; uma segunda parte de perdão e pedido.

### Ação de graças e louvor

Primeiro momento: reconhecemos como Jesus se identifica com o alimento, "eu sou o Pão da Vida", pois o alimento é o

primeiro dom de Deus ao homem. É o verdadeiro alimento que nos sustenta e nos nutre. É o alimento que nos ajuda a ser fortalecidos e transformados a fim de termos atitudes que nos aproximam de Jesus.

- Agradecemos a Deus por ser o alimento, o alimento da nossa vida...
- Louvamos a Deus por sua presença real em nós; por ter se doado por meio de seu filho que se fez homem e se deu como alimento.

## Pedido e perdão

Segundo momento: de todas as necessidades que o ser humano tem, a mais importante é VIVER, por isso temos medo da morte e de tudo que está morto em nós. Cada humilhação, fracasso, ruptura tornam-se mortes que nos quebram por dentro. Para que não nos façam sofrer procuramos remédios que silenciem essa dor interna, custe o que custar: ser alguém, estar à altura, ser eficiente, ter bens que nos deem segurança, buscar confortos que façam com que nos sintamos bem, agarrados a prazeres que silenciam a dor. Prazeres que não curam feridas, mas se tornam substitutos que nos deixam cada vez mais vazios e nos desviam da cura verdadeira. Jesus dá a resposta para a verdadeira cura e preenchimento da vida: a Encarnação, o abandono na cruz e a Eucaristia tornam-se a única resposta à aspiração do ser humano à VIDA.

- Pedimos perdão por tudo que está morto em nós, pelos nossos medos...
- Rezemos para que, através da Eucaristia, possamos encontrar respostas para superarmos estas “mortes” e medos em nossas vidas...
- Peçamos força para nos envolvermos mais profundamente em nossas vidas, onde quer que estejamos.

## Partilha

Podemos partilhar os pontos concretos de esforço.

Neste mês poderíamos comentar mais especificamente como a oração pessoal e o encontro real com o Senhor nos ajudam a discernir qual deve ser a nossa atitude de serviço, o nosso compromisso. A oração tem nos ajudado a descobrir um pouco mais sobre a vontade de Deus para nossa vida?

No Dever de Sentar-se, poderíamos discutir se podemos pensar em um aspecto de nossa vida, família, trabalho, comunidade, onde sentimos que podemos dar mais de nós mesmos. Não há “compromisso” real se eu não perder o controle do que dei, ou seja, dar sem querer continuar re-tendo. Dar livremente, sem esperar nada, sem controlar nada, sem exigir nada?

Somos generosos em nossa dedicação? O que podemos partilhar? Podemos nos perguntar se poderíamos ter um compromisso mais dedicado em nossa paróquia, em nossas equipes, na nossa família. Podemos discutir se poderíamos fazer uma missão ou um serviço como casal? Se já o fazemos, como o vivemos? Que testemunho específico damos como casal?

A Eucaristia é uma fonte que alimenta o nosso serviço, a nossa missão?

## Perguntas para o tema de estudo

Ao se preparar para este encontro, lembre-se das pessoas que se tornaram um presente para você, agradeça a Deus pelo presente que suas vidas foram e são. Você pode citar uma pessoa, dizer por que ela foi tão importante, quais aspectos de seu ser (dons) o ajudaram mais?

Você tem consciência de ser um dom de Deus para os outros? Para quem você acha mais difícil vê-lo? Por quê?

Podemos contar como vivemos alguns dos serviços nos quais estamos engajados, como nos entregamos aos outros?

## Para Turim

O encontro será em Turim, e um dos lugares que provavelmente será visitado será a capela onde se guarda o Santo

Sudário. Podemos conhecer a importância desta relíquia para os cristãos e aprender um pouco mais sobre o seu significado. É importante ter presente que, para além da autenticidade desse tecido, sobre o qual a Igreja não se pronunciou, ele é um símbolo que nos une à figura de Cristo e ao seu sacrifício para nossa salvação.

Magnificat

## Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém.



*Interior da Igreja de São  
Pelegrino - visão geral do altar.  
Caxias do Sul-RS/Brasil*

## Aldo Daniele Locatelli

(1915-1972)

### "A Santa Ceia, Cristo e seus Apóstolos"

*Igreja de São Pelegrino – Caxias do Sul-RS/Brasil*

Aldo Locatelli nasceu na Itália em um local chamado Villa d'Aimé, subúrbio de Bérgamo. Logo cedo, aos 16 anos de idade, ingressou em cursos técnicos aplicados à indústria na Escola de Artes Andrea Fontani com a finalidade de aprender decoração. Em 1932 obteve uma bolsa de estudos para ingressar na Escola de Belas Artes de Roma. Logo depois de formado começou a trabalhar como pintor, mas logo em seguida foi convocado para o Exército chegando a lutar na 2ª Grande Guerra Mundial. Foi ferido em combate e logo dispensado definitivamente. Interessado em pintura mural, por volta de 1946 começa a estudar os grandes mestres da pintura, como Tiepolo, Michelângelo e Leonardo da Vinci.

Locatelli veio ao Brasil em 1948, com a promessa de pintar afrescos na Catedral de Pelotas, a convite de Dom Antonio Zattera. Logo que o trabalho foi concluído Locatelli torna-se um dos fundadores da Escola de Belas Artes de Pelotas. A partir deste momento começa a receber encomendas em outras cidades, como Caxias do Sul e Porto Alegre, e decide trazer sua esposa para o Brasil a fim de firmar residência. Em 1951, já naturalizado brasileiro, dá início aos

murais e pinturas da Igreja de São Pelegrino, em Caxias do Sul, trabalho que só conclui em 1960.

No afresco aqui reproduzido, na página ao lado, Locatelli pintou a mesa em forma de "u" e Jesus como elemento principal e central da cena e seus apóstolos todos sentados à frente e ao longo da mesa. Ao fundo abriu uma janela em sintonia com o arco arquitetônico anterior que emoldura o conjunto, dando a entender com riqueza de cores e estilo privilegiado do artista no cair da tarde, momento da instituição da Ceia do Senhor. Duas lâmpadas a óleo, próprias da época, iluminam ricamente as vestes dos apóstolos e todo o ambiente.

"A Arte não é para agradar, mas, sim, para emocionar."

Aldo Locatelli autor da frase acima, durante sua breve passagem pela vida, 47 anos, deixou um imenso acervo artístico para emocionar a todos que conhecerem sua obra. São dele as obras na Catedral de N. S. da Conceição, em Santa Maria, Salão Negrinho do Pastoreio, no Palácio Piratini, a em duas igrejas de Caxias do Sul, nas catedrais de Pelotas e Novo Hamburgo, na Matriz de Itajaí, no Aeroporto Salgado Filho e na Reitoria da UFRGS, entre outras.



## Capítulo 6

*Tu santificarás os dias de festa...*

### Objetivos:

- Viver conscientemente o significado alegre e festivo do domingo.
- Fazer do domingo um dia especial em nossas vidas, um dia de encontro fraterno e de solidariedade.

### Santificar as festividades

Fabio Rosini, em seu livro *A Arte de Recomeçar*, aponta que no quarto dia da criação, quando Deus cria as fontes de luz, não o faz para separar a luz das trevas, como já havia feito no primeiro dia, mas “*servam de luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra. (...) para presidir o dia e a noite para separar luz e trevas*” (Gn 1, 14-18).

Parece curioso que, ao enumerar as épocas em que ocorrem as ações de Jesus, não sejam nomeados os meses dos anos em primeiro lugar, mas as festas que marcam o tempo e a vida. Poderíamos nos questionar: a vida é feita de meses ou de festas? Segundo Rosini, para o autor do Gênesis fica claro que a primeira unidade de medida são as festas, pois são os momentos em que podemos celebrar a ação de Deus que marcam a nossa vida.

É essencial nos unirmos para lembrar as coisas que devem ser lembradas e que nos constituem como indivíduos, famílias, comunidades e povos.

*“Dize aos israelitas: estas são as solenidades do Senhor, em que proclamareis convocações santas; são estas as minhas solenidades” (Lv 23, 2).*

O povo de Israel costumava dizer com força: cuidem do *Sábado* e o *Sábado* cuidará de vocês. Porque uma vida que não para de reconhecer o que aconteceu na sua história, de agradecer e abençoar por tantas coisas recebidas, torna-se uma vida monótona, enfadonha, incompreensível e sem sentido.

Assim, quando somos apresentados à importância do “Dia do Senhor”, já sentimos que não estamos falando apenas do primeiro mandamento da Santa Mãe Igreja de participar da missa aos domingos e dias festivos, mas também do terceiro mandamento da Lei de Deus, que, como palavra profética, se torna um convite radical a “santificar as festas” (Ex 20, 8).

Como podemos ver em várias referências no livro dos Atos dos Apóstolos (At 20, 7-12), nas Cartas Paulinas (1 Cor 16, 2) e até no Apocalipse (Ap 1, 10), “o primeiro dia da semana” começou a marcar o próprio ritmo de vida dos discípulos de Cristo. Isso distinguirá os cristãos, pois seu calendário não coincidia com o das culturas grega ou romana onde viviam.

## O dia da criação

Embora biblicamente o dia em que Deus descansou seja o sábado, a reflexão cristã ligou espontaneamente a ressurreição ocorrida “no primeiro dia da semana” ao primeiro dia desta semana cósmica (cf. Gn 1, 1-2,4), com a qual o livro do Gênesis narra o dia da criação da luz (cf. 1, 3-5). O domingo é o dia em que a comunidade cristã é chamada a reviver “o medo que o homem sente diante da imensidão da criação e o sentimento de adoração que dela resulta para Aquele que fez todas as coisas do nada” (*Dies Domini* 9).

À imagem de Deus, o domingo é o dia em que somos convidados a contemplar o mundo e a desfrutar, sem esperar mais nada, do dom de Deus e, portanto, a repetir o refrão que percorre todo o capítulo 1 do Gênesis: “Deus viu que era bom” (Gn 1, 10).

## O dia da ressurreição

A Eucaristia pode ser e é celebrada todos os dias. Mas, desde o início, a comunidade cristã é chamada a reunir-se oficialmente, para celebrá-la no domingo, o “dia do Senhor”, como o chamamos desde os tempos apostólicos. Para os cristãos, o “senhor dos dias” porque ali celebramos a ressurreição de Jesus, o núcleo fundamental da fé cristã e o acontecimento central da história.

Como nos diz o Papa Francisco: *“Nós, cristãos, vamos à missa aos domingos para encontrar o Senhor Ressuscitado, ou melhor, para nos deixarmos encontrar por Ele, para ouvir a sua Palavra, para nos alimentarmos à sua mesa e assim nos tornarmos Igreja, isto é, seu Corpo Místico vivendo no mundo. (...) Assim, entenderam desde a primeira hora os discípulos de Jesus, aqueles que celebravam o encontro eucarístico com o Senhor no dia da semana que os hebreus chamavam ‘o primeiro dia da semana’ e os romanos ‘o dia do sol’, porque naquele dia Jesus havia ressuscitado dos mortos e aparecido aos discípulos, conversando com eles, comendo com eles e dando-lhes o Espírito Santo. O grande derramamento do Espírito Santo no Pentecostes acontece no domingo, quinquagésimo dia após a ressurreição de Jesus. Por estas razões, o domingo é para nós um dia santo, santificado pela celebração da Eucaristia, presença viva do Senhor entre nós e para nós. É, portanto, a missa que torna o domingo cristão! O domingo cristão gira em torno da missa. Qual é o domingo, para um cristão, em que falta ao encontro com o Senhor?”*<sup>20</sup>

## O dia do espírito

Na noite de Páscoa, Jesus soprou sobre os apóstolos e disse-lhes: *“Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes seus pecados, lhes serão perdoados; a quem os retiverdes, lhes serão retidos”* (Jo 20, 22-23).

---

20. Papa Francisco, audiência de 13 de dezembro de 2017, disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2017/documents/papa-francesco\\_20171213\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2017/documents/papa-francesco_20171213_udienza-generale.html)

Era também um domingo, dia de Pentecostes, o primeiro dia da oitava semana depois da Páscoa (At 2, 1), quando os apóstolos receberam o dom do Espírito e, pela primeira vez, Pedro proclamou o Kerygma, reunindo no local um povo que vinha de muito longe.

## O dia da Igreja

Somente se entendermos o significado profundo do domingo como o “Dia do Senhor”, entenderemos a importância essencial da celebração dominical comunitária. Como se pode sentir, não se trata mais de “ouvir a missa”, como se fosse um ato individual e piedoso. A assembleia dominical é o lugar privilegiado da unidade, de modo que é necessário evitar a dispersão das celebrações sem motivo grave, para que, ao se reagrupar, a maior parte do povo de Deus se una e que a celebração se faça na paz do espírito e máxima dignidade.

Não devemos esquecer que, *“entre as muitas atividades de uma paróquia, nenhuma é tão vital e formativa para a comunidade como a celebração dominical do Dia do Senhor e da sua Eucaristia”* (Dies Domini 35), porque a Eucaristia não só nos liga Cristo vivo e Ressuscitado, mas leva também à comunhão com os irmãos e as irmãs, constituindo assim um verdadeiro acontecimento de fraternidade que não para na igreja, mas continua na vida cotidiana.

## Como você santifica uma festa?

### Lembrar-se e descansar

O mandamento em que Deus impõe a observância do sábado tem, no livro do Êxodo, uma formulação característica: *“Lembra-te do dia de sábado, para o santificar”* (Ex 20, 8). Antes de impor algo a fazer, o mandamento indica algo a ser lembrado (Dies Domini 16).

Somos assim convidados a descansar, para nos distanciarmos do ritmo frenético da nossa vida e para nos lembrarmos que Deus é Deus e que eu sou apenas uma criatura. É Deus quem realizou uma obra de salvação, não apenas

com seu povo em geral, mas comigo em particular, e é apenas essa lembrança que me permite entrar no descanso do meu Senhor. Então, o domingo realmente se torna o Dia do Senhor, porque deixamos Deus ser Deus.

Como nos lembra o Papa Francisco: *“A abstinência do trabalho no domingo não existia nos primeiros séculos: é uma contribuição específica do cristianismo. Segundo a tradição bíblica, os judeus descansavam aos sábados, enquanto a sociedade romana não previa um dia semanal de abstenção do trabalho braçal. É o sentido cristão de viver como filhos e não como escravos, animado pela Eucaristia, que fez do domingo – quase universalmente – o dia do descanso. Sem Cristo, estamos condenados a ser dominados pelo cansaço da vida cotidiana, com suas preocupações e seu medo do amanhã. O encontro dominical com o Senhor dá-nos a força para viver o hoje com confiança e coragem e para seguir em frente com esperança. É por isso que nós, cristãos, encontramos o Senhor no domingo na celebração da Eucaristia (...).”*<sup>21</sup>

## A celebração da Eucaristia

A celebração dominical deixa de ser apenas uma mera recordação, mas torna-se o cumprimento da promessa do Senhor Ressuscitado aos seus apóstolos: *“Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos”* (Mt 28, 20). A comunidade cristã compreendeu desde o início que a salvação não se recebe isoladamente, mas que a graça recebida nos insere no Povo de Deus, o que explica a experiência da *ekklesia*, a assembleia convocada pelo Senhor Ressuscitado: *“Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações”* (At 2, 42).

## No encontro fraterno

Será essencial para um verdadeiro Dia do Senhor que ele seja um dia de encontro familiar e fraterno com aqueles que

---

21. Papa Francisco, audiência de 13 de dezembro de 2017, disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2017/documents/papa-francesco\\_20171213\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2017/documents/papa-francesco_20171213_udienza-generale.html)

Deus nos deu como dom e graça. O Padre Caffarel começa com este parágrafo no seu capítulo intitulado “A missa, ponto alto da vida do casal”, dando a importância ao domingo como dia especial: *“Quando, no início de um dia ou no domingo após uma semana de trabalhos e lutas, de amor e alegria, vós, marido e mulher, saem de casa – talvez acompanhados de seus filhos – e vos dirigem para a morada do Senhor,<sup>22</sup> que motivo vos conduz? Seria simplesmente para satisfazer uma obrigação? Não, eu sei. Vós veem na missa o ponto alto de sua vida, o polo para o qual devem convergir todas as vossas atividades, a fonte onde se deve alimentar toda a vossa existência, a hora privilegiada de encontro entre a vossa casa e Deus. Vós quereis render uma homenagem a Deus, oferecer-lhe o culto filial que os indivíduos, mas também as comunidades humanas lhe devem, cada cônjuge, mas também o casal. E não qualquer culto, mas este sacrifício, o sacrifício único, perfeito, ofertado uma vez por todas, o de Cristo”.*<sup>23</sup>

## A reunião de solidariedade

Quando vivemos o descanso no Senhor, agradecidos e em fraternidade, sentimos então a necessidade de partilhar tudo o que recebemos com aqueles que mais precisam. Por isso o domingo é um momento privilegiado para se dedicar às atividades de misericórdia, caridade e apostolado.

Assim viviam as primeiras comunidades: *“Todo primeiro dia da semana, cada qual separe livremente o que tenha conseguido economizar”* (1 Cor 16, 2). De fato, a coleta realizada na missa dominical é uma expressão desta partilha fraterna pelas necessidades da comunidade. Para além das moedas que nos incomodam nos nossos bolsos, somos chamados a uma cultura exigente de partilha.

*“A Eucaristia é um acontecimento e um projeto de fraternidade. Da missa dominical nasce uma onda de caridade, destinada a*

---

22. É ainda mais estar juntos moralmente e fisicamente o que importa.

23. Henri Caffarel, *Casamento e Eucaristia*, publicado na revista *L'Anneau d'Or – Casamento, caminho para Deus*, número especial 117-118, mai-ago 1964 - (pp. 242-265).

*difundir-se em toda a vida dos fiéis, começando por animar o próprio modo de viver o resto do domingo. Se este dia é um dia de alegria, os cristãos devem mostrar com as suas atitudes concretas que não podem ser felizes 'sozinhos'. Pode ser que no seu bairro ou no seu círculo de amigos existam doentes, idosos, crianças e imigrantes, que sentem ainda mais a própria solidão, as suas necessidades e os seus sofrimentos aos domingos. É certo que a atenção a eles não pode limitar-se a uma esporádica iniciativa dominical. Mas se temos uma atitude de dedicação mais global, por que não dar ao Dia do Senhor um clima maior de partilha, pondo em jogo toda a criatividade de que é capaz a caridade cristã? Convidar uma única pessoa para uma refeição conosco, visitar os doentes, dar de comer a uma família necessitada, dedicar uma ou duas horas a iniciativas concretas de voluntariado e solidariedade, seriam certamente formas de dar vida à caridade de Cristo recebida na mesa eucarística" (Dies Domini 72).*

O Papa Francisco conclui dizendo: *"Por que ir à missa no domingo? Não basta responder que é um preceito da Igreja; ajuda a preservar seu valor, mas não basta. Nós, cristãos, devemos participar da missa dominical porque só com a graça de Jesus, com a sua presença viva em nós e no meio de nós, podemos pôr em prática o seu mandamento e ser assim as suas testemunhas críveis".*<sup>24</sup>

## Palavra de Deus

### Introdução

Segundo o testemunho unânime dos Evangelhos, a ressurreição de Jesus aconteceu "no primeiro dia da semana" (cf. Mc 16, 2; Lc 24, 1; Jo 20, 1). Naquele mesmo dia, o Ressuscitado apareceu aos dois discípulos no caminho de Emaús (cf. Lc 24, 13-35) e apareceu aos onze apóstolos reunidos (cf. Lc 24, 36; Jo 20, 19). Oito dias depois, os discípulos estavam novamente reunidos quando Jesus lhes

---

24. Papa Francisco, audiência de 13 de dezembro de 2017, disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2017/documents/papa-francesco\\_20171213\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2017/documents/papa-francesco_20171213_udienza-generale.html)

apareceu e foi reconhecido por Tomé (cf. Jo 20, 26). Foi também domingo, dia de Pentecostes, primeiro dia da oitava semana após a Páscoa judaica, que, com o derramamento do Espírito, a primeira pregação de Pedro e os primeiros batismos, a epifania ou manifestação da Igreja como o novo povo de Deus aconteceu (cf. At 2, 1-41).

Com base nisso, o domingo começou a dar o ritmo na vida dos discípulos, como dia de reunião, de “partir o pão” (cf. At 20,7) e de partilha (cf. 1 Cor 16, 2). O livro do Apocalipse atesta o costume de chamar este dia de “Dia do Senhor”.

Texto de Mc 16, 1-2, 9-16:

*“Passado o sábado, Maria Madalena e Maria, a mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para embalsamar Jesus. E bem cedo, no primeiro dia da semana, ao raiar do sol, foram ao túmulo. (...) Tendo Ressuscitado, na madrugada do primeiro dia da semana, Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena, de quem tinha expulsado sete demônios. Ela foi anunciar o fato aos que acompanhavam Jesus, e que estavam aflitos e choravam. Quando ouviram que ele estava vivo e havia sido visto por ela, não acreditaram. Depois disso, Jesus, de aspecto mudado, apareceu a dois deles, enquanto estavam a caminho do campo. Estes voltaram para anunciá-lo aos outros, os quais tampouco acreditaram. Por fim, Jesus apareceu aos onze discípulos, enquanto estavam à mesa. Ele os censurou por sua falta de fé e sua dureza de coração, por não terem acreditado naqueles que o tinham visto ressuscitado. Então disse-lhes: ‘Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura! Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado’.”*

## A reunião mensal da equipe

### Acolhimento

Neste tema, compartilhamos a importância de celebrar as festas, que é mais do que um simples preceito dominical. É por isso que os convidamos a decorarem de forma especial

o local onde vão se encontrar, seja colocando algumas flores na mesa ou decorando o local, de acordo com as vossas possibilidades.

## Coparticipação

Hoje, podemos coparticipar como vivemos um domingo um pouco diferente desde a última reunião. Ou ainda um domingo em que nos lembramos de termos vivido uma significativa experiência comunitária participando da Eucaristia. Ou quando nos sentimos particularmente acolhidos pela comunidade ou por Jesus que vem ao nosso encontro.

## Oração

Lemos o texto bíblico Mc 16 1-2, 9-16.

Depois de ter proclamado o texto bíblico, oferecemos-lhe três momentos de oração para pedir perdão, rezar ao Senhor e agradecer. A cada momento, convidamos um membro do casal anfitrião a ler a passagem bíblica e o outro a ler a oração proposta, deixando um momento de silêncio para que cada um possa orar o que isso significa na sua vida e para quem o desejar possa expressá-lo em uma simples oração.

## Perdão

*“Tendo Ressuscitado, na madrugada do primeiro dia da semana, Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena, de quem tinha expulsado sete demônios. Ela foi anunciar o fato aos que acompanhavam Jesus, e que estavam aflitos e choravam. Quando ouviram que ele estava vivo e havia sido visto por ela, não acreditaram.”*

Pedimos perdão pelas nossas dúvidas, pela nossa falta de fé, pelas nossas dificuldades. Cada um de nós tem as suas, para este encontro com o Senhor...

## Oração

*“Depois disso, Jesus, de aspecto mudado, apareceu a dois deles, enquanto estavam a caminho do campo.”*

Este texto fala-nos do encontro, das diversas pessoas que se encontram com o Senhor Ressuscitado, mas para quem este encontro é muito difícil devido à sua confusão e às suas dúvidas depois da morte de Jesus, a não ser pelo desejo de se deixarem encontrar por Ele.

Pedimos ao Senhor que nos permita encontrá-lo... cada um pelo que precisa.

## Ação de graças

*“Então disse-lhes: ‘Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura!’.”*

Damos graças ao Senhor pelo encontro com Ele, porque o encontro com Ele nos ajuda na nossa vida e no nosso caminho.

## Partilha

Neste encontro podemos comentar de modo particular a escuta da Palavra de Deus. “Escutar” não é só ler a Palavra de Deus, é algo mais, como saborear e “contemplar” esta Palavra, que tipo de resposta ela provocou em mim, de alguma forma iluminou minha compreensão do domingo?

Como sugestão, propomos um Dever de Sentar-se sobre o significado dos domingos em nossa vida. Os cristãos de hoje devem redescobrir o significado do domingo, o seu mistério e o seu valor como celebração, para não o confundir com um simples “fim de semana”, entendido apenas como tempo de descanso ou de entretenimento.

Poderíamos fazer um balanço de nossos domingos e talvez nos propor para viver um mês de forma um pouco mais especial. Podemos discutir durante a nossa reunião o que poderíamos fazer para tornar nosso domingo mais parecido com o que é sugerido.

Podemos também verificar se a missa é para nós um ponto alto da nossa vida de casal, como nos propõe o Padre Caffarel. Estou pronto para participar ativamente da celebração ou contento-me com uma atitude passiva? Eu me preparo para a celebração, pessoalmente ou em casal? Nos

preparamos para a missa como família, olhando os textos antes, conversando sobre o que significará o domingo?

## Perguntas para o tema de estudo

Um dos desafios mais importantes que a família de hoje deve observar é criar uma nova cultura familiar, porque certamente muita coisa mudou na configuração e no tipo de relacionamento dentro da família. Muitos dos modelos que moldaram a família tradicional já não nos servem mais. E os cristãos, que também vivem neste novo mundo, devem esforçar-se por criar uma nova cultura familiar cristã. A cultura implica uma forma de conceber a vida familiar, que se expressa nos gestos, nos símbolos, nas celebrações e na organização da casa. E em tudo isso, nós devemos descobrir um novo modo de celebrar o domingo, o dia que tem dado forma ao cristianismo ao longo de sua história.

Podemos pensar em alguma sugestão para nossa vida familiar?

Podemos partilhar com o resto da equipe como vivemos o domingo? Se há algo que descobrimos que pode nos ajudar a vivê-lo de maneira diferente?

O Papa Francisco e o Padre Caffarel nos convidam a nos perguntar: por que ir à missa aos domingos? Qual é o nosso motivo? É simplesmente uma questão de cumprir uma obrigação? Qual é a resposta em nosso caso?

## Para Turim

Convidamos a todos os equipistas a acessarem o site do 13° Encontro Internacional e estarmos unidos com todo Movimento ([www.torino2024.equipes-notre-dame.com](http://www.torino2024.equipes-notre-dame.com)).

## Magnificat

## Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém.



## *Philippe de Champaigne*

(1602-1674)

### A Última Ceia

*Museu do Louvre - Paris/França*

Philippe de Champaigne foi um pintor belga nascido em Bruxelas. Sua formação começou por volta dos doze anos de idade, em oficinas de sua cidade Natal, que incluíam introdução ao retrato e depois à paisagem. Logo foi contratado por Luís XIII para pintar as cidades da França. Seu envolvimento foi de tal forma intenso no país, que logo se naturalizou francês. Tornou-se o mais famoso e brilhante retratista da França do século XVII a serviço de Luís XIII e Maria de Medici. É sempre lembrado, por dois retratos do Cardeal Richelieu. Com esse trabalho acabou conseguindo, de certa forma, conquistar a estima e admiração do cardeal, principal ministro de Luís XIII, que o qualificou para executar a decoração do atual Palais Royal, que se encontrava em construção. Solicitou ainda que pintasse a cúpula da Igreja da Sorbonne, além da encomenda de vários retratos.

Philippe de Champaigne foi um dos membros fundadores da Real Academia de Pintura e Escultura em 1648. No entanto, teve que enfrentar muitos lutos familiares: a morte de sua esposa em 1638, a de seu filho Claude em 1642, a de seu primo e colaborador em 1650 e finalmente o de sua filha mais nova, Françoise, em 1655. Virou-se então para a religião. Juntou-se

ao Jansenismo, um movimento religioso dentro da Igreja Católica, que era particularmente popular na França da época. A partir daí, influenciado pela sua nova fé, começou a rejeitar muitas das convenções comuns ao período Barroco. Executou muitos trabalhos com características religiosas, em particular para o convento jansenista de Port-Royal des Champs influenciado fortemente pelo movimento depois que sua filha, que era freira, foi vítima de paralisia, mas foi milagrosamente curada.

A obra aqui reproduzida foi pintada por volta do ano de 1648, que Philippe pintou um óleo sobre tela, para um convento parisiense, em que representa o famoso cenário da Última Ceia, com Cristo e seus discípulos. Nesta pintura, ele mostra Jesus sentado à mesa no centro da composição, rodeado por seus apóstolos. Jesus segura com a mão esquerda o pão, enquanto a mão direita, suavemente levantada, esboça um gesto de bênção. Quando Philippe realizou esta obra, as guerras religiosas tinham acabado de terminar e o artista queria mostrar a unidade do povo francês em torno do seu rei.

A pintura de Philippe de Champaigne é uma obra-prima que certamente será apreciada por todos que a virem.



# Capítulo 7

## *Convidados ao banquete...*

### **Objetivos:**

- Refletir sobre nossa participação na missa.
- Tomar consciência de sua estrutura e do profundo significado de cada uma de suas partes.

Depois de todo o caminho que percorremos em torno da Eucaristia, pensamos que é importante aplicar um tempo, para rever as partes da missa que celebramos e o significado que elas têm.

É verdade que isso implica ter que usar palavras próprias da liturgia que não podem e não devem ser substituídas, porque pertencem a uma linguagem que nos é própria e que devemos conhecer, amar e preservar. Tentar mudá-las seria como obrigar um poeta a escrever em prosa.

### **Ritos de abertura**

Iniciamos a Eucaristia, e muitas vezes o fazemos como os discípulos de Emaús, pensando no que aconteceu durante a semana e estando entristecidos, escandalizados e decepcionados.

Como vimos nos capítulos anteriores, toda a semana nos introduz numa dinâmica de acontecimentos, onde o julgamento facilmente se apodera de nós: não fomos tratados como merecíamos, eu esperava que as coisas fossem diferentes, minhas expectativas foram frustradas, eu mereço mais, tudo é injusto, etc.

A entrada, a saudação, o ato penitencial, o “Senhor tende piedade”, o Hino de Louvor e a oração da coleta são chamados de ritos iniciais e visam permitir aos que estão

reunidos acolher o convite de Deus que, em Jesus, vem ao nosso encontro e nos pergunta: “O que é que você tem, o que é que você tem na sua cabeça?” Deste modo, mesmo que os nossos olhos estejam ainda fechados e não reconheçamos Jesus, tudo nos predispõe a sentir que não estamos sozinhos, que formamos uma verdadeira comunidade e que alguém nos quer encontrar.

Iniciar com um canto não é apenas um gesto de beleza estética. O canto abre a celebração, favorece a união das pessoas reunidas e nos introduz no tempo litúrgico ou na celebração particular que estamos vivendo. Quando o sacerdote chega ao presbitério, beija o altar e se aproxima da sede (ou cátedra, sendo o bispo), a cadeira de onde ele preside, saúda-nos em nome do Pai, do Filho e do Espírito e dirige-nos uma saudação: “O Senhor esteja convosco” ou “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco” são palavras que manifestam a certeza de que quando dois ou mais estão reunidos em seu nome, ele está presente, manifestando assim o mistério da Igreja reunida.

Mas para entrar no sentido da celebração, precisamos reconhecer o que está acontecendo conosco, o que estamos falando ao longo do caminho. Fazemos isso por meio da fórmula da confissão geral de toda a comunidade, que termina com uma primeira confissão de fé, a oração do Kyrie (Senhor) e implorando sua misericórdia.

Nos dias de festa, a esta aclamação acrescenta-se o Hino de Louvor ou Glória (como é chamado), antiquíssimo e venerável hino com o qual a Igreja, reunida no Espírito Santo, glorifica a Deus Pai e glorifica e dirige o Cordeiro de Deus.

Por fim, o sacerdote convida o povo à oração, e todos fazemos um momento de silêncio com o sacerdote para tomarmos consciência de que estamos na presença de Deus e que podemos formular nossos desejos em seu espírito. O sacerdote faz então a oração chamada “coleta”, pela qual a oração de todos é recolhida e elevada ao Pai, por meio do Filho, no Espírito Santo.

## Liturgia da Palavra

Diante da situação concreta que já reconhecemos e colocamos nas mãos do Pai, recebemos uma resposta da Palavra de Deus. Através das leituras, a mesa da Palavra de Deus é preparada para nós e os tesouros da Bíblia são abertos para nós. Para enfatizar a profundidade deste momento, mantemos a disposição das leituras, que esclarece a unidade dos dois Testamentos.<sup>25</sup> Eles são todos proclamados do ambão, a mesa da Palavra. Após cada leitura, o leitor propõe uma aclamação, o povo reunido responde honrando a Palavra de Deus acolhida na fé e no espírito de gratidão. Como nos lembra o Padre Caffarel: *“O que faz o valor e a importância do livro dos Evangelhos não é apenas o fato de ser a coleção dos feitos e palavras de Jesus Cristo, nosso Senhor, mas de acordo com as fortes palavras de Santo Agostinho, que ele é ‘a própria boca de Jesus Cristo’. Vocês realmente se enganariam ao ver no Evangelho palavras antigas, piedosamente preservadas, as palavras do maior dos homens que passou na terra. O Evangelho é a Voz, viva e permanente, de um ser vivente, do grande Vivente, presente hoje entre nós, segundo a sua promessa: “Estarei convosco até a consumação dos séculos”. Estas palavras são dirigidas a toda a Igreja, sem dúvida, mas também a cada um. (...) Jesus Cristo fala, e sem dúvida ensina no que crer, e sem dúvida manda no que fazer, mas sobretudo diz a si mesmo, dá-me a confiança avassaladora: “Amo-te, e até o sacrifício da minha vida. A fé pela qual respondo à sua confissão é muito melhor do que a simples adesão da minha inteligência ao seu ensinamento, muito melhor do que a obediência aos seus mandamentos, é um impulso de todo o meu ser pelo qual me entrego a ele sem reservas”.*<sup>26</sup>

A homilia faz parte da liturgia e não pode ser omitida, porque é necessária para alimentar a vida cristã, mas percebemos que é uma pena que muitas vezes – pelo tempo

---

25. A primeira leitura está intimamente ligada ao Evangelho e a segunda é uma leitura contínua dos eventos e das Cartas.

26. Carta Mensal das Equipes de Nossa Senhora 1964, intitulada *O Mistério do Evangelho*, disponível em <https://www.ens.org.br/carta-mensal/196403/451>

que leva, pela novidade que ela oferece, pela forma ou pelas qualidades ou não do pregador – torna-se o centro da Celebração. Tanto que o todo acaba sendo valorizado pela parte. “Que missa chata!” ou “Que grande Eucaristia”, quando na realidade é uma parte menor, interpretativa e subjetiva, que pode ou não nos ajudar, mas que não deve se tornar a parte mais importante da Eucaristia.

A liturgia da Palavra continua com o Credo dos Apóstolos ou Profissão de Fé, durante o qual todos os reunidos respondem à Palavra de Deus proclamada nas leituras da Escritura e explicada na homilia. Por fim, rezamos pela salvação de todos, pela Santa Igreja, pelos governantes, pelos necessitados, por todos os povos e pela salvação do mundo inteiro. Essa invocação é exposta, e o povo sacerdotal, de pé, expressa sua súplica por uma invocação comum.

## A liturgia eucarística

No contexto da Páscoa, como vimos nos capítulos anteriores, Jesus instituiu a Eucaristia, em que o sacrifício da cruz se torna continuamente presente na Igreja, quando o sacerdote, representando o Cristo Senhor, faz o que o Senhor fez e ordenou aos seus discípulos que fizessem em memória dele.

Esta parte da Eucaristia é iniciada com a apresentação, no altar, dos dons do pão e do vinho que se tornarão o Corpo e o Sangue de Cristo. Devem ser apresentados pelos fiéis, que os entregam ao sacerdote e ele os coloca sobre o altar, usando a fórmula da bênção a Deus, como se faz na ceia pascal: “Bendito sejas, Senhor...” Em seguida, o sacerdote lava as mãos de um lado do altar, expressando assim o desejo de purificação interior. Uma vez depositados os dons sobre o altar e concluídos os ritos que os acompanham, o sacerdote convida os fiéis a se unirem a ele na oração sobre os dons; termina-se então a preparação dos dons e prepara-se a oração eucarística.

É neste momento que começam o centro e o ápice de toda a celebração, quando o sacerdote convida o povo a elevar o coração ao Senhor na oração e na ação de graças e apresenta aos fiéis o que é justo e necessário: dar graças, bendizer e louvar a Deus.

Os principais elementos da oração eucarística podem ser assim distinguidos:

1. **A ação de graças**, que se expressa no Prefácio, quando o sacerdote, em nome de todos, proclama que é justo e bom dar graças por...
2. **Aclamação**: a ação de graças nos permite louvar a Deus, participar dos coros celestiais, experimentar que nos unimos à Igreja celestial.
3. **Epiclese (invocação ao Espírito Santo)**: a Igreja, imersa na Glória de Deus, implora a força do Espírito Santo para que os dons oferecidos se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo.
4. **Narrativa da instituição e consagração**: Jesus, ao instituir a Eucaristia, deixou aos apóstolos e seus sucessores o mandamento “Fazei isto em memória de mim”, por isso os sacerdotes dizem e fazem o que Jesus fez, disse e mandou repetir.
5. **Anamnese (recordar)**: cumprindo o mandamento de Jesus, a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo se atualizam aqui e agora. Como os apóstolos, em cada Eucaristia somos testemunhas e destinatários do mistério pascal.
6. **Oblação (oferta)**: a Igreja, reconhecendo a participação atualizada à Paixão de Cristo, oferece-a ao Pai como único sacrifício aceitável e, com Ele, oferece-se a si mesma.
7. **Intercessões**: neste acontecimento da doação de Cristo de si mesmo e com ele, da sua Igreja, expressamos pela intercessão a comunhão pela qual a Igreja celeste e terrestre vive a Eucaristia. Rezamos pelo papa, pelos bispos, por todos os membros vivos e falecidos, e o fazemos em comunhão com os santos Maria, José, os apóstolos, os mártires
8. **Doxologia (louvor)**: esta é a entrega total, a proclamação do poder e da glória de Deus. É o amém mais solene da Eucaristia, porque com Cristo, por ele e nele... oferecemos cada um de nós.

## Rito da comunhão

A Eucaristia é o banquete pascal e, portanto, segundo o mandamento do Senhor, o seu Corpo e o seu Sangue devem ser recebidos como alimento espiritual. Para isso, a Igreja nos prepara com:

**Oração do Senhor (Pai Nosso):** esta é a oração própria dos cristãos ensinada pelo próprio Cristo quando os seus discípulos pediram que os ensinasse a rezar.

Segue-se o **rito da paz**, pelo qual a Igreja implora a paz e a unidade para si e para toda a família humana, e nele os fiéis exprimem a sua comunhão eclesial e a sua mútua caridade antes da comunhão sacramental.

Partilhamos o gesto de **fração do pão** em toda a sua grandeza nos capítulos anteriores, pelo que agora nos será fácil vivê-lo em profundidade.

A participação na **comunhão** sacramental para aqueles que estejam preparados, ou na comunhão espiritual para aqueles que por algum motivo não podem recebê-la sacramentalmente, é o ápice de toda a celebração, por isso é muito importante que a vivamos com a alegria de quem recebe o maior presente possível. Como nos recorda o Papa Francisco: *“Ao sacerdote que, distribuindo a Eucaristia, vos diz: ‘O Corpo de Cristo’, respondeis: ‘Amém’, ou seja, reconheceis a graça e o compromisso que acompanham o fato de se tornar o Corpo de Cristo. Porque quando você recebe a Eucaristia, você se torna o Corpo de Cristo. Isso é lindo, isso é muito bonito. Enquanto nos une a Cristo, arrancando-nos do nosso egoísmo, a comunhão nos abre e nos une a todos que são um Nele. Esta é a maravilha da comunhão: nós nos tornamos o que recebemos!”*.

Para concluir a súplica do povo de Deus e também para concluir todo o rito da Comunhão, o sacerdote faz a oração depois da Comunhão, onde se reza pelos frutos do mistério celebrado na vida dos fiéis e da Igreja.

## Rito final

Avisos não fazem parte de uma celebração eucarística e somente são introduzidos por uma necessidade real da comunidade. Mas se forem feitos avisos seria neste momento, antes da bênção final. Os avisos podem ser entendidos como a partilha familiar em torno da mesa. A última saudação e bênção do sacerdote, que em certos dias e ocasiões é enriquecida, é o apelo ao Senhor para estar conosco na situação a que somos enviados. É um Deus que fala do bem (bem-disse) à nossa vida concreta, fazendo-se presente nela.

Por fim, o diácono e, na ausência dele, o próprio sacerdote envia à assembleia para que cada um retorne aos seus ambientes de convivência familiar e de trabalho, louvando e bendizendo a Deus.

## Palavra de Deus

### Introdução ao texto bíblico

Dispomo-nos a ler a cena dos discípulos de Emaús como uma catequese do itinerário da nossa celebração eucarística, nas suas diversas partes. Duas pessoas caminhavam juntas, embora não se entendessem muito bem, discutiam: na Eucaristia, começamos nos esforçando para formar uma comunidade. Eles estavam preocupados e perturbados por suas trevas e suas frustrações. O caminhante que se junta a eles os obriga a reconhecer esta situação: também nós reconhecemos nossas faltas durante o ato penitencial. Jesus vai ao encontro deles e começa a caminhar com eles, mas eles não o reconhecem, pois Jesus só pode ser visto agora com os olhos da fé. Para despertar neles esta fé, Jesus explica-lhes tudo o que lhe diz respeito nas Escrituras. É essa explicação que inflama seus corações e os prepara para reconhecê-lo, como na liturgia da Palavra. Os dois discípulos acolhem o ensinamento de Jesus e manifestam o seu desejo de continuar com ele: com a nossa profissão de fé, acolhemos a sua Palavra e preparamo-nos para o encontro com a sua pessoa. Jesus sentou-se à mesa, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e deu-o a eles. E então eles o

reconheceram, embora ele tenha desaparecido do lado deles. As quatro ações de Jesus são o que repetimos continuamente na liturgia eucarística. E através delas se dá a presença real, embora misteriosa, de Jesus entre nós. Depois disso, os dois discípulos correram de volta a Jerusalém para contar aos outros o que havia acontecido com eles. No final da Eucaristia, somos enviados a testemunhar o Ressuscitado.

Texto de Lc 24,13-35:

*“Naquele mesmo dia, dois dos discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, a sessenta estádios de Jerusalém. Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles. Os seus olhos, porém, estavam como impedidos de reconhecê-lo. Então Jesus perguntou: ‘O que andais conversando pelo caminho?’. Eles pararam, com o rosto triste, e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: ‘És tu o único peregrino de Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nesses dias?’. Ele perguntou: ‘Que foi?’. Eles responderam: ‘O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo. Os chefes dos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. E nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que essas coisas aconteceram! É verdade que algumas mulheres dentre nós nos deixaram espantados. Elas tinham ido, de madrugada, ao túmulo e como não encontraram o corpo dele, voltaram dizendo que tinham visto anjos, os quais afirmaram que ele está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo, e encontraram a situação como as mulheres tinham dito. A ele, porém, ninguém viu’. Então ele lhes disse: ‘Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram! Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso, para entrar em sua glória?’. E, começando por Moisés e passando por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, o que se referia a ele. Quando chegaram perto do povoado para onde se encaminhavam, ele fez de conta que ia adiante. Eles, porém, insistiram: ‘Fica conosco, pois já é tarde e o dia está*

*declinando!'. Ele entrou para ficar com eles. Depois que se pôs à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. Então os olhos deles se abriram e o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles. E um disse para o outro: 'Não estava ardendo o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos abria as Escrituras?'. Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram a Jerusalém, onde encontraram reunidos os onze e os outros discípulos. E estes confirmaram: 'Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!'. Então os dois relataram o que acontecera no caminho, e como o haviam reconhecido ao partir o pão."*

## A reunião mensal da equipe

### Acolhimento

Convidamos o casal animador da reunião a encontrar e partilhar alguma música ou um canto relacionado à Eucaristia que tenha um significado especial para vocês.

### Coparticipação

Podemos partilhar se a Palavra de Deus durante este mês nos ajudou numa situação particular, de modo que pudemos ter um olhar ou uma atitude mais de acordo com a vontade do Senhor para nossa vida.

### Oração

Rezemos com base na leitura proposta para este mês: Lc 24, 13-35.

Como discípulos, estamos a caminho e Jesus acompanha-nos, muitas vezes não o vemos, não o reconhecemos, temos dificuldade em compreendê-lo. Ele toma a iniciativa e ajuda-nos a abrir os olhos. Oferecemos um itinerário de oração em três partes:

#### 1. Oração de perdão (ler Lc 24, 13-17)

*"... conversavam e discutiam (...). Os seus olhos, porém, estavam como impedidos de reconhecê-lo."*

Perdoe-nos por nossas brigas, nossa raiva, nosso descuido, nossas tristezas, por termos esquecido sua presença entre nós... *Cada um pode se expressar.*

## 2. Oração de petição (ler Lc 24, 19-29)

*“Fica conosco...”*

Pedimos ao Senhor que nos acompanhe nas coisas da nossa vida que precisam ser amparadas e acompanhadas por Ele... *Cada um pode se expressar.*

## 3. Oração de ação de graças (ler Lc 24, 30-34)

*“Seus olhos foram abertos, seus corações estão queimando...”*

Agradecemos a Deus pela sua presença amorosa neste momento da nossa vida, que nos ajuda a abrir os olhos para... que faz arder o nosso coração por... que nos leva a comunicar, a dizer... *Cada um pode se expressar.*

## Partilha

Neste mês, prestemos especial atenção ao ponto concreto de esforço que nos chama a *“colocar-nos todos os anos diante do Senhor – em casal, se possível – para um retiro de pelo menos 48 horas, para refletir e programar a nossa vida em sua presença”*. Talvez já tenhamos feito um retiro neste ano, ou ainda o faremos em um futuro próximo. Como a experiência do retiro nos ajudou a descobrir a vontade de Deus em nossas vidas?

A título de sugestão para o Dever de Sentar-se, propomos um diálogo sobre o Encontro Internacional. Sobre como nos preparamos para participar, se já planejamos poder participar fisicamente. Se não for este o nosso caso, como podemos participar do encontro a distância, se existe a possibilidade de reservar um tempo para rezar pelo encontro, para se comunicar com as pessoas da nossa equipe ou outras equipes que vão participar, para também participar de uma forma ou de outra. Ao mesmo tempo, podemos nos perguntar se nos sentimos parte dessa comunidade maior de pessoas que pertencem a equipes além da nossa própria

equipe de base. Pode ser um momento de reflexão sobre a nossa participação nesta reunião e nas outras reuniões para as quais somos convidados: reuniões de formação e animação, equipes mistas, pedidos de serviço, etc.

## Perguntas para o tema de estudo

Poderíamos partilhar se nos identificamos com alguns dos sentimentos e comentários feitos na primeira parte do texto. De quais missas costumamos participar? Na nossa paróquia? Procuramos outros locais que nos pareçam mais adequados? Qual é a nossa atitude quando vamos à missa no domingo? Sentimo-nos membros de uma comunidade ou meros espectadores? Estamos nos preparando de uma maneira particular para participar de maneira mais frutuosa da missa?

Como a passagem dos discípulos de Emaús nos ajuda a compreender nossa experiência da Eucaristia?

## Turim

Convidamos todos os equipistas que não puderam participar do Encontro Internacional a pesquisar como a passagem dos discípulos de Emaús marcou o encontro de Turim. O tema e o lema, o logotipo, as notícias, etc. E aos que puderam participar do Encontro compartilhar as experiências.

## Magnificat

## Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém.



## *Dimitri Ismailovitch*

(1890-1976)

### **A Ceia Brasileira - Homenagem ao Aleijadinho**

*Coleção particular de Eduardo Cavalcanti - Rio de Janeiro-RJ/Brasil*

Ismailovitch, pintor e desenhista nascido no antigo império russo na cidade de Satonov, atual Ucrânia. Estudou na Escola Militar em São Petersburgo, tendo participado da I Grande Guerra Mundial. Já havia iniciado seus estudos sobre pintura, mas somente em 1918 ingressou na Academia de Belas Artes da Ucrânia e, na sequência, desenvolveu estudos sobre a arte bizantina em Constantinopla. A partir de 1927 desembarcou no Brasil, tornando-se logo amigo de Graça Aranha, que o introduziu na comunidade artística brasileira apresentando-o a intelectuais da época. Em pouco tempo já começou a participar do ambiente modernista em exposições que promoviam rapidamente sua estética e desenvoltura nas artes.

Em 1931, participou do Salão realizado na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, ficando ainda mais conhecido como retratista, mas também por pintar paisagens, natureza-morta e arte sacra. Dedicava-se também a estudos etnográficos e à documentação da flora brasileira. Naturalizou-se brasileiro em 1937 por seu grande interesse pelo Brasil.

Por recomendação de amigos foi a Minas Gerais para conhecer o legado da obra do mestre do Barroco, Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, percorrendo várias cidades históricas de Minas. Esteve em solo mineiro por cerca de 20 anos,

estudando e admirando toda a obra de Aleijadinho e do Barroco brasileiro. Em uma das excursões a Ouro Preto, Ismailovitch focou seu interesse nas obras de Aleijadinho a ponto de elaborar estudos, desenhos e quadros com base nos personagens do Barroco mineiro, sendo que o maior deles foi a também chamada “Ceia Brasileira”, em que todos os discípulos de Jesus têm suas fisionomias baseadas nas obras do grande escultor brasileiro.

Observando melhor a tela podemos notar que o Salvador aparece com o mesmo rosto do Cristo de madeira do Passo II de Congonhas. Alguns dos apóstolos são os profetas de Congonhas e Pedro é o mesmo do Passo VI. Um outro apóstolo tem a cabeça de São Jorge, que se encontra no Museu de Ouro Preto, e Judas é o próprio personagem que aparece na Igreja de N. S. das Mercês. A tela, muito adequadamente intitulada “A Ceia Brasileira - Homenagem ao Aleijadinho”, é muito bem agrupada numa assembleia com trágicos prenúncios às vésperas da Paixão de Jesus Cristo. Uma tela das mais representativas feitas no Brasil enaltecendo acentuadamente o vigor plástico do mestre do Barroco mineiro.

*(fonte de pesquisa: Museu da Inconfidência, Ouro Preto/MG – Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira – Iarremate – Portal de Arte).*



## Capítulo 8

*Faça isto em  
memória de mim...*

### Objetivos:

- Compreender que a Eucaristia nos ajuda a nos transformar e a amadurecer na nossa vida cotidiana.
- Estar abertos ao compromisso, testemunho, missão e serviço cristão.

A Eucaristia não é uma simples lembrança ou memória afetiva de um acontecimento passado, é um “memorial” que torna novamente presente na celebração e projeta no futuro aquilo que é celebrado. Quando Jesus diz aos seus discípulos e nos diz novamente agora: “Fazei isto em memória de mim”, “isto” não se refere apenas ao gesto ritual, mas ao que este gesto significa, ao seu conteúdo. Se para Cristo tal gesto era a celebração de uma vida doada, para nós deveria ser da mesma forma. Como vimos ao longo dos capítulos estudados, não se trata de repetir um gesto ritual, mas de se deixar levar, abençoar, partir e doar, como Jesus fez ao longo da sua vida e reiterado nesta última Páscoa. Trata-se de viver como Cristo viveu e celebrar nossa vida dada como ele fez. Vamos dedicar este último capítulo a tentar compreender o que significa na nossa vida este “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22, 19) que Jesus nos mandou, a descobrir o significado profundo de “isto”, que é uma vocação ainda mais exigente e que liga toda a celebração eucarística à nossa vida cristã.

### Ide em paz acompanhado de Cristo

“Ide em paz, e o Senhor vos acompanhe” não é um ponto final. Se formos coerentes com o que vivemos na Eucaristia, é

o início de um novo tempo, do envio para continuar a nossa peregrinação na fé. A missa “termina” e a missão se inicia.

O final da celebração da Eucaristia convida-nos a recordar a relação entre a Eucaristia e a vida cristã cotidiana, entre a Eucaristia e a missão a ser vivida no dia a dia. Embora esta relação direta entre a Eucaristia e a vida dos cristãos seja vivida ao longo da celebração, é no final, durante o envio, que ela é mais evidente e explicitamente recordada.

O “Ide em paz...” não é um apaziguamento das consciências como um “Ide em paz, porque você cumpriu o seu dever”. É, ao contrário, um “Ide na paz de Deus, porque foste enviado para pregar o que viveste”.

Com efeito, antes de enviar os seus discípulos a pregar o Evangelho e a testemunhar a Ressurreição no mundo inteiro, Cristo ergueu as mãos e abençoou-os (cf. Lc 24, 50). E é isso que o sacerdote faz no final da celebração. A bênção é o elo entre a celebração eucarística e o resto da vida cristã.

Ao longo da Eucaristia, nos foram apresentados os lugares da presença de Deus. Em cada “O Senhor esteja convosco” que o sacerdote diz e ao qual respondemos “Ele está no meio de nós!” está sendo indicada uma dessas presenças:

1. No início da Eucaristia, indicando que o Senhor está no meio da comunidade reunida.
2. Na Palavra de Deus, na qual se proclama que o Senhor está presente pela sua Palavra viva e eficaz.
3. No “Senhor esteja convosco” da oração eucarística, onde somos convidados a reconhecer a presença do Senhor no Pão da Vida.
4. No último “O Senhor esteja convosco”, onde somos enviados, temos a certeza da presença de Deus no seio da nossa realidade. Um Deus que nos precede, nos envia e nos acompanha em nossa missão.

Na missa encontramos o Cristo Ressuscitado; trata-se agora de ser testemunhas da sua ressurreição no mundo. Ouvimos a sua Palavra, cabe-nos agora transmiti-la aos outros. Recebemos o pão que dá a vida; agora vamos viver a

nova vida recebida através desse pão. Nós nos reunimos como irmãos; agora estamos dispersos para sermos irmãos de todos os povos. Louvamos a Deus com nossas orações e canções; agora vamos transformar nossa vida cotidiana em um louvor contínuo a Deus. Associamo-nos ao dom total de Cristo ao Pai e aos homens; agora vamos manifestar a presença desse dom por meio de todas as nossas obras.

A Eucaristia nos transforma e nos compromete. Ela nos “faz Eucaristia”. Portanto, a Eucaristia, ao mesmo tempo em que nos permite viver a vida nova, exige que nos esforcemos para agir segundo os critérios do Evangelho. Não podemos ser pessoas através dos quais a missa simplesmente passa; pessoas que não conseguem edificar-se numa “estatura” humana aceitável e muito menos chegar até a “estatura do Cristo” (cf. Ef. 4,13).

A Eucaristia foi instituída para realizar em nós o milagre do amor e da graça que nos transforma em Cristo. A verdade da celebração eucarística se manifesta naquilo que ela realiza concretamente em nossas vidas ao final da celebração e a partir dela.

## O compromisso do testemunho cristão

O Papa Francisco também faz alusão ao nosso consistente compromisso cristão com a participação consciente na Eucaristia. Ele insiste no conceito de sermos homens e mulheres eucarísticos em todos os aspectos de nossa vida, e o explica indicando que se trata daquelas pessoas que foram cheias de Cristo e que querem agir como Ele, conscientes de sua fraqueza, mas ao mesmo tempo firmes no seu desejo de serem verdadeiros cristãos:

*“(…) No entanto, sabemos que no final da missa começa o compromisso do testemunho cristão. Os cristãos não vão à missa para cumprir uma tarefa semanal e depois esquecer, não. Os cristãos vão à missa para participar dela. Os cristãos vão à missa para participar da Paixão e da Ressurreição do Senhor e viver então mais como cristãos: abre-se o compromisso do testemunho cristão. Saímos da igreja para ‘ir em*

*paz' e trazer a bênção de Deus em nossas atividades diárias, em nossos lares, em nossos locais de trabalho, nas ocupações da cidade terrena, 'glorificando ao Senhor por meio de nossa vida'. (...)*

*Não devemos esquecer que celebramos a Eucaristia para nos tornarmos homens e mulheres eucarísticos. O que isso significa? Significa deixar Cristo agir em nossas ações: deixar que seus pensamentos sejam nossos pensamentos, seus sentimentos, nossos sentimentos, suas escolhas, nossas escolhas. E isso é a santidade: fazer como Cristo fez, é a santidade cristã. (...)*

*Os frutos da missa estão, portanto, destinados a amadurecer na vida cotidiana. Podemos dizer assim, forçando um pouco a imagem: a massa é como o grão, o grão de trigo que, mais tarde na vida cotidiana, cresce, cresce e amadurece nas boas obras, nas atitudes que nos fazem parecer com Jesus. Com efeito, ao aumentar a nossa união com Cristo, a Eucaristia atualiza a graça que o Espírito nos concedeu no Batismo e na Crisma, para que o nosso testemunho cristão seja credível."*

## **A Eucaristia, fonte de missão**

Num texto muito sugestivo, o Padre Caffarel convida-nos a pensar na analogia com o povo de Israel... um povo em Movimento que, depois de ter comido a Páscoa, põe-se a caminho em busca da terra prometida. Assim, alimentados e guiados por Deus, descubrem a sua missão como povo. Esta comparação recorda-nos que Cristo não nos deixa sozinhos no cumprimento dos compromissos a que fomos chamados. Antes de tudo, ajuda-nos a despertar em nós o desejo de sair pelo mundo, de encontrar os nossos irmãos e irmãs, de partilhar aquilo em que acreditamos, de pôr-nos a caminho. Mas também nos nutre para que nunca esqueçamos que nada do que fazemos se deve às nossas próprias forças e capacidades, que ele nos acompanha e nos fortalece. Se participando da Eucaristia nos unimos mais a Cristo, é para nos assemelharmos mais a Ele, para tentar fazer de nossa vida um reflexo, mesmo que muito mais fraco do que gostaríamos, das atitudes e do estilo de vida que esperamos

de um cristão. Isso nos serve como indivíduos, mas também podemos fazer nossa própria busca como casal e tentar ver como podemos assumir um compromisso mais claro de servir na construção do Reino. Viver a Eucaristia como casal nos ajudará a ir em missão juntos, mais fortes e mais unidos. Ouçamos as palavras do Padre Caffarel que nos ajudam a compreender este sentido missionário:

*“Gostaria de mencionar outro sinal característico destes casais onde se vive o mistério da Páscoa de Cristo. Recusam-se a estar ‘instalados’. Segundo a fórmula de São Paulo são, na terra, ‘estrangeiros e viajantes’. Como poderia ser diferente? Vocês sabem bem que os hebreus tinham que comer o cordeiro pascal, sandálias nos pés, cinto em torno de seus rins, bengala na mão, viajantes ganhando força antes de partir para o longo caminho para o Egito na Terra Prometida. Assim é com os que comem a Páscoa do Senhor: não fogem da terra, longe dela, mas caminham para uma pátria melhor. E quanto mais eles se alimentarem da eucaristia, tanto maior é a saudade deles daquela outra pátria.*

*‘Vocês serão o meu povo, eu serei o seu Deus’, disse o Senhor aos hebreus. Para os cônjuges cristãos, o Cristo morto e Ressuscitado diz o mesmo. Mas, para eles como para os hebreus que caminhavam no deserto, este ‘Deus com eles’ é um Deus que se torna o seu guia e os conduz constantemente para a frente. Eles ainda têm que segui-lo.*

*A minha conclusão será breve, uma frase: O matrimônio é uma admirável invenção de Cristo para que a Eucaristia seja vivida a dois.”<sup>27</sup>*

## Palavra de Deus

### Introdução ao texto bíblico

O Senhor quis ficar conosco na Eucaristia, mas anunciar a morte do Senhor “até que venha” significa, para quem

---

27. Henri Caffarel, *Casamento e Eucaristia*, publicado na revista *L’Anneau d’Or – Casamento, caminho para Deus*, número especial 117-118, mai-ago 1964 - (pp. 242-265).

participa da Eucaristia, deixar que Ele transforme a nossa vida, para que toda a nossa vida se torne de certa forma “eucarística”. É o compromisso de transformar o mundo a partir do Evangelho. A celebração eucarística é um ato privilegiado de evangelização porque é a melhor expressão da nossa fé. Em nenhum outro momento nossa atitude de crentes e o conteúdo principal do que cremos são mais visíveis do que neste encontro entre Jesus e seus discípulos, onde ele e nós mostramos a essência de quem somos e do que vivemos. A verdadeira natureza da comunidade fundada por Cristo, a Igreja, também não se manifesta melhor como criatura e humilde serva do Evangelho. Isso, é claro, tem uma contrapartida terrível. A Eucaristia, vivida com autenticidade, é um meio privilegiado de evangelização. Mas, se for transformada em um simples rito desprovido de vida, pode se tornar também a pior das antitestemunhas. Não há pior perversão do que aquela que deturpa os sinais do amor. O texto de São Paulo é certamente duro, mas ele deve nos levar a tomar consciência para o compromisso que assumimos com a nossa participação no banquete da Eucaristia.

Texto de 1 Cor 11, 17-30:

*“Já que estou dando recomendações, não vos posso louvar; pois vos reunis não para o melhor, mas para o pior. Primeiro, ouço dizer que, quando vos reunis como Igreja, têm surgido dissensões entre vós. E, em parte, acredito. É necessário que haja até divisões entre vós, para que se tornem conhecidos os que, dentre vós, são comprovados! De fato, quando vos reunis, não é para comer a ceia do Senhor, pois cada um se apressa a comer a sua própria ceia, e, enquanto um passa fome, outro se embriaga. Não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm? Que vos direi? Acaso vos louvarei? Nisso não vos louvo. De fato, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: Na noite em que ia ser entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: ‘Isto é o meu Corpo entregue por vós. Fazei isto em memória de mim’. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou*

*também o cálice, dizendo: 'Este cálice é a nova aliança no meu Sangue. Todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim'. De fato, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, proclamais a morte do Senhor, até que ele venha. Portanto, todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente será culpado contra o Corpo e o Sangue do Senhor. Examine-se cada um a si mesmo e, assim, coma do pão e beba do cálice; pois, quem come e bebe sem distinguir devidamente o Corpo do Senhor, come e bebe sua própria condenação. É por isso que há entre vós muitos enfermos e doentes, e não poucos têm morrido."*

## A reunião mensal da equipe

### Acolhimento

O casal anfitrião pode preparar velas para serem acesas durante a oração e distribuídas aos membros da equipe para levarem para casa como sinal de sua missão de luz no mundo.

### Coparticipação

Podemos partilhar um acontecimento significativo da nossa vida que esteja ligado à nossa missão de cristãos na construção do Reino: numa atividade concreta, no cuidado das nossas famílias, num compromisso específico, no nosso ambiente de trabalho, na nossa paróquia, nas equipes, etc.

### Oração

Nós proclamamos 1 Cor. 11, 17-30.

Depois de ter proclamado o texto bíblico, oferecemos-lhe três momentos de oração para pedir perdão, agradecer e fazer um pedido. A cada momento, convidamos um cônjuge do casal animador a ler o trecho bíblico, e o outro a ler a oração proposta, deixando um momento de silêncio para que cada um possa rezar o que isso significa em sua vida e para que aqueles que desejarem se expressem com uma simples oração em voz alta.

## Perdão

*“Primeiro, ouço dizer que, quando vos reunis como igreja, têm surgido dissensões entre vós. E, em parte, acredito. É necessário que haja até divisões entre vós, para que se tornem conhecidos os que, dentre vós, são comprovados!”*

Pedimos-te perdão, Senhor, pelas vezes em que há divisão no nosso casal, na nossa família, na nossa equipe...

*(intenções livres)*

## Ação de graças

*“De fato, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: Na noite em que ia ser entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: ‘Isto é o meu Corpo entregue por vós. Fazei isto em memória de mim’. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou também o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova aliança no meu Sangue. Todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim’.”*

Senhor Jesus, nós te agradecemos por estar conosco e por ser o alimento de nossas vidas.

Nós te agradecemos.

## Prece

*“De fato, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, proclamais a morte do Senhor, até que ele venha.”*

Senhor Jesus, oramos para que possamos proclamar o teu Reino com nossas ações e nossas vidas, ajude-nos a cumprir nossa missão como cristãos de construir o Reino aqui e agora.

*(intenções livres)*

## Partilha

Partilhamos os Pontos Concretos de Esforço. Neste mês, pudemos falar principalmente sobre o Dever de Sentar-se.

Para o Dever de Sentar-se, podemos primeiro refletir pessoal e seriamente o assunto proposto e depois partilhar com nosso cônjuge:

A Eucaristia é para mim uma necessidade vital? Trago todas as minhas experiências: pessoais, conjugais, familiares, profissionais? Procuo ter em mente, quando a celebro, todas as pessoas pelas quais tenho uma responsabilidade especial? É realmente um alimento que me faz crescer como cristão? Isso me ajuda a discernir a missão para a qual sou chamado? Sou coerente com a minha vida depois da missa?

No diálogo conjugal, devemos partilhar sobre o que refletimos. Mas também devemos refletir sobre como podemos ajudar uns aos outros para tornar a Eucaristia mais significativa em nossas vidas. E, entre outros projetos, talvez seja bom para vocês irem juntos à Eucaristia, além dos domingos, nas datas importantes para sua família: aniversários, nascimentos, eventos importantes, necessidades importantes. Seria uma forma de viver que a Eucaristia é de fato a fonte de do vocês como casal e família.

## Perguntas para o tema de estudo

Compartilhamos com a equipe o que “Fazei isto em memória de mim” significa para nós em nossa vida concreta.

Posso definir o que significa, no aqui e agora da minha vida atual, ser um homem eucarístico ou uma mulher eucarística? Para o que Deus está me chamando? Para o que Deus está nos chamando como casal, conselheiro ou acompanhante espiritual em nossa vida?

Podemos partilhar se a Eucaristia nos dá força e nos alimenta na missão a que somos chamados neste momento de nossa vida. A vivência do tema tem nos ajudado a compreender e viver essa missão?

Que sentido tem para nós neste momento a frase do Padre Caffarel “O matrimônio é uma invenção admirável de Cristo para que a Eucaristia seja vivida a dois”?

## Turim

A cidade de Turim é famosa por ter sido palco da obra e da vida de alguns dos santos mais notáveis do século XIX, personalidades de grande carisma e animadas por uma grande caridade cristã, que se entregaram de corpo e alma para combater os flagelos sociais da época: eles são conhecidos sob o nome genérico de “santos sociais”. Em Turim, São João Bosco deu vida ao seu oratório e à Congregação Salesiana, dirigindo a construção da Basílica de Maria Auxiliadora, onde foi sepultado; São Giuseppe Benedetto Cottolengo fundou a Pequena Casa da Divina Providência, uma instituição hospitalar que hoje tem muitas filiais em todo o mundo. Estes, entre outros, são alguns dos importantes santos associados à caridade. Poderíamos aprender mais sobre eles e tentar aprender mais sobre os santos e beatos da cidade de Turim.

### Magnificat

#### Oração pela Canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: “Vem e segue-me”.

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém.



# Capítulo 9

## *Balanço*

### Objetivos:

- Rever todo o percurso pessoalmente, em casal e em equipe.

Este capítulo tem uma estrutura diferente das outras reuniões de equipe que tivemos ao longo do ano e seu objetivo é revisar o caminho pessoal, de casal e de equipe à luz do que vivemos. Esta reunião de Balanço pretende ser um momento de reflexão, todos juntos e sob o olhar de Deus, sobre o ano que passou. É uma espécie de reunião de equipe, um momento de partilha e entreejuda num clima de oração, verdade e comunhão.

A proposta se baseia na leitura da Palavra, em seu comentário e num texto do Papa Francisco que ele usa para concluir suas catequeses sobre a Eucaristia proferidas durante algumas das audiências gerais nos anos de 2017-2018.

Também é proposto um plano de preparação para esta reunião. Cada equipe pode optar por se concentrar nas partes mais adequadas à sua situação atual. O importante é se preparar para este encontro como casal; juntos, no final do ano, fazemos um balanço do que vivemos, refletimos sobre os pontos fortes e fracos que devemos enfatizar durante o próximo tema e nos preparamos para a eleição do novo casal responsável. Outra opção possível é que este encontro ocorra no âmbito de uma Eucaristia final vivida em equipe e que as propostas sejam adaptadas às diversas partes.

### Palavra de Deus

Relemos este texto sobre a instituição da Eucaristia com o qual abrimos a introdução a este tema, saboreando a Páscoa

de um Jesus que permanece conosco. Debruçamo-nos sobre os verbos sobre os quais refletimos ao longo do tema: tomar, abençoar, repartir, dar.

## Texto de Lc 22, 14-20:

*“Quando chegou a hora, Jesus pôs-se à mesa com os apóstolos e disse: ‘Tenho desejado ardentemente comer convosco esta ceia pascal, antes de padecer; pois eu vos digo que não mais a comerei, até seu pleno cumprimento no Reino de Deus’. Então, recebendo um cálice, deu graças e disse: ‘Tomai este cálice e partilhai entre vós; pois eu vos digo que, de agora em diante, não mais beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus’. A seguir, tomou o pão, deu graças, partiu-o e lhes deu, dizendo: ‘Isto é o meu Corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim’. Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova aliança no meu Sangue, que é derramado por vós’.”*

## O banquete eucarístico

Lemos a seguir a catequese do Papa Francisco na audiência de 4 de abril de 2018, que conclui este conjunto de textos que constitui uma grande aprendizagem da Eucaristia, levando em conta a insistência na unidade, o chamado à missão, a atenção a ter para com quem mais precisa de nós, e como a Eucaristia nos ajuda e fortalece alimentando nosso compromisso:

*“A habitual abordagem da refeição eucarística renova, fortalece e aprofunda a nossa união com a comunidade cristã a que pertencemos, segundo o princípio de que a Eucaristia faz a Igreja (cf. ibid., 1396) e nos une a todos. Finalmente, a participação na Eucaristia envolve-nos na relação com os outros, especialmente com os pobres, educando-nos para passar da carne de Cristo à carne dos nossos irmãos, nos quais Ele espera ser por nós reconhecido, servido, honrado e amado (cf. ibid., 1397). Levando em vasos de barro o tesouro da união com Cristo (cf. 2 Cor 4, 7), devemos voltar constantemente ao santo altar, até que, no paraíso,*

gozemos plenamente da felicidade das bodas do Cordeiro (cf. Ap 19, 9). Agradeçamos ao Senhor o caminho de redescoberta da Santa Missa que Ele nos deu para fazermos juntos, e deixemo-nos atrair com renovada fé a este encontro real com Jesus, que morreu e ressuscitou por nós, nossos contemporâneos. E que a nossa vida possa sempre ‘florescer’, assim como na Páscoa, com as flores da esperança, da fé, das boas obras. Que encontremos sempre a força para isso na Eucaristia, em união com Jesus.”

## A reunião mensal da equipe

### Acolhimento

O casal anfitrião prepara uma cesta com algumas folhas em branco onde todos escreverão o nome do casal que estão propondo como próximo responsável. A cesta ou o recipiente estará presente durante toda a reunião até o momento em que seja decidida a escolha.

### Partilhar – Ser uma equipe

*“É precisamente jogar um jogo de equipe, de equipe cristã, que é essencial, porque é isso que ataca o nosso antigo individualismo e o elimina gradualmente, porque é isso que nos dá acesso a um amor fraterno maior, a uma entreatura espiritual mais perfeita, porque é isso que realiza essa ‘ecclésia’, essa ‘assembleia de Deus’ à qual Cristo prometeu a sua presença: ‘Quando dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou no meio de vós’. Penso que, de todas as obrigações do estatuto, a mais essencial é a de formar equipes e de jogar o jogo com franqueza.”* “Padre Caffarel, o jogo de equipe”, *Carta Mensal das Equipes de Nossa Senhora*, nº 3, junho de 1957, disponível em <https://www.ens.org.br/carta-mensal/195706/484>

As seguintes perguntas podem nos ajudar a refletir sobre a nossa troca de ideias:

- Como ouvimos uns aos outros, respeitamos uns aos outros, apoiamos uns aos outros, encorajamos uns aos

outros? Todos fomos capazes de partilhar, nos sentimos realmente capazes de nos comunicar?

- Como vivemos o tema de estudo deste ano, ele ajudou-nos a viver a Eucaristia de maneira diferente?
- Como vivemos nossa relação com o restante do Movimento? Participação em eventos do nosso Setor ou da nossa Região, serviços que nos possam ser solicitados, leitura da *Carta Mensal*, site e redes sociais. Sentimo-nos parte de um Movimento maior?

De tudo o que vivemos este ano:

- O que devemos continuar fazendo o mesmo?
- O que deveríamos mudar?

## Oração

Proclamamos Lc 22, 14-20.

Procuremos apresentar na oração o que significou este caminho eucarístico para cada um de nós, nosso ser casal, nosso ser família e nosso ser equipe.

## Oração

- Louvamos e agradecemos a Deus...
- Pedimos desculpa por...
- Rogamos ao Senhor que nos conceda...

A escolha do próximo casal responsável também pode ser feita neste clima de oração.

O atual casal responsável pode comentar como vivenciou sua responsabilidade.

A equipe pode decidir se espera uma determinada “animação” do novo casal responsável.

- Escolha do novo casal responsável.

Podemos terminar rezando juntos:

*“Senhor, estamos reunidos em teu nome. Estamos juntos com a pessoa a quem fomos unidos no sacramento do Matrimônio. Estamos juntos com os casais e membros de nossa equipe para estarmos atentos uns aos outros e também para trazê-los em nossa oração, Senhor, dai-nos a graça de reconhecer o que é essencial para nossa vida de fé e abrir nossos corações e mentes para que nossa equipe seja cada vez mais uma comunidade fraterna a seu serviço.”*

## Partilha

Como vivenciamos os Pontos Concretos de Esforço deste ano?

Como ocorreu a partilha?

Isso nos ajudou a viver o verdadeiro significado da Eucaristia? A participar dela com mais assiduidade e profundidade? A refletir sobre nossas atitudes? O que descobrimos através dos pontos concretos de esforço, através da reflexão sobre a Eucaristia, sobre a nossa missão como indivíduo, como casal, como equipe?

Para esta última reunião do ano, convidamos vocês a se perguntar: existe uma atitude básica que descobrimos e que nos ajuda a viver a Eucaristia de maneira diferente? Há algo que possamos fazer como casal para ter uma participação mais consciente na Eucaristia?

## Turim

Que o Encontro Internacional que se realizou em Turim tenha sido um momento de encorajamento e animação para as Equipes de Nossa Senhora.

## Magnificat

## Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém.

# Anexos

## A. O Ano Litúrgico

Além de celebrar todos os domingos a Ressurreição do Senhor, a Igreja desenvolve todo o mistério de Cristo ao longo do ano, desde a Encarnação até o dia de Pentecostes e à espera da vinda do Senhor. O ano litúrgico tem 52 semanas, como o ano civil, mas, diferentemente deste, começa no primeiro domingo do Advento. Apresentaremos suas diferentes partes em ordem cronológica:

### a) O tempo do Advento

É um tempo de preparação para o Natal, que comemora a primeira vinda do Filho de Deus e, ao mesmo tempo, um tempo de espera pela segunda vinda de Cristo no fim dos tempos. Ele contém quatro domingos e se estende desde a véspera do primeiro domingo até a véspera da festa do Natal.

### b) O período de Natal

Comemora o nascimento do Senhor e suas primeiras manifestações. Contém, portanto, duas solenidades centrais: o Natal (25 de dezembro) e a Epifania (6 de janeiro). Entre as duas há também a solenidade de Maria, Mãe de Deus (1º de janeiro). Este período vai da noite de Natal até o domingo seguinte à Epifania, quando se celebra a festa do Batismo do Senhor.

### c) O Tempo Comum

Este tempo não celebra um aspecto particular do mistério de Cristo, mas todo o mistério de Cristo em sua plenitude, a fim de alcançar sua progressiva assimilação pelos fiéis. Para

tanto, apresenta sucessivamente os principais acontecimentos da vida pública de Jesus e a dinâmica interna do crescimento do Reino de Deus neste mundo.

Este é o período mais longo, ou seja, de 33 ou 34 semanas. Mas é dividido em duas partes desiguais. A primeira, mais curta, vai da segunda-feira após o domingo do Batismo do Senhor até a terça-feira anterior à Quarta-feira de Cinzas. A segunda parte, mais longa, começa na segunda-feira após o domingo de Pentecostes e termina na véspera do primeiro domingo do Advento.

#### d) O período da Quaresma

É uma preparação para a celebração da Páscoa. É uma preparação, antes de tudo, para os catecúmenos, que recebem os últimos ritos e uma formação intensiva em vista dos sacramentos de iniciação que receberão na Páscoa. É preparação também para todos os fiéis que, dedicando-se mais assiduamente à escuta da Palavra de Deus e à oração, e pela penitência, se preparam para renovar as promessas do Batismo.

Este período vai da Quarta-feira de Cinzas até a manhã da Quinta-feira Santa. Seus últimos dias, a partir do domingo de Ramos, já fazem parte da Semana Santa, que comemora e celebra a Paixão de Cristo.

#### e) O Tríduo Pascal

É o ponto culminante de todo o ano litúrgico, pois celebra a Paixão e Ressurreição de Cristo. A excelência que o domingo tem na semana é dada à solenidade da Páscoa no ano litúrgico.

Começa com a missa na véspera da Ceia do Senhor na Quinta-feira Santa, tem seu centro na Vigília Pascal e termina na noite do domingo de Páscoa.

#### f) Tempo Pascal

Os 50 dias que vão do domingo de Páscoa ao domingo de Pentecostes são celebrados com alegria como se fossem uma só e mesma festa, ou seja, um “grande domingo”.

Este tempo é imagem e figura da Igreja como tempo da presença do Senhor Ressuscitado. Os oito primeiros dias constituem a oitava da Páscoa e são celebrados como solenidades do Senhor. E 40 dias depois da Páscoa, celebramos a Ascensão do Senhor; daquele dia até o Pentecostes, a comunidade se prepara para receber o Espírito Santo.

### g) Outras solenidades

Além dos domingos e das festas que caracterizam os diversos tempos litúrgicos, a Igreja celebra ao longo do ano outras festas com a designação de “solenidade”. São elas: Imaculada Conceição (8 de dezembro); Santa Maria, Mãe de Deus (1º de janeiro); São José (19 de março); Anunciação do Senhor (25 de março); Santíssima Trindade (domingo depois de Pentecostes); Santíssimo Corpo e Sangue do Senhor (domingo depois da Trindade); Sagrado Coração de Jesus (sexta-feira após Corpus Christi); Natividade de São João Batista (24 de junho); São Pedro e São Paulo (29 de junho); Assunção da Virgem Maria (15 de agosto); Todos os Santos (1º de novembro); Jesus Cristo, Rei do Universo (último domingo do Tempo Comum). Além disso, tem a festa do santo padroeiro principal da cidade ou do povoado, do santo titular da igreja e o aniversário da dedicação da igreja.

## B. Posturas e Gestos Litúrgicos

### a) O corpo na celebração

O homem é uma realidade espiritual e corpórea, uma unidade existente a partir de dois elementos de um só e mesmo ser. Não há, portanto, sentimento autêntico que não se traduza espontaneamente numa atitude ou num gesto corporal; e, por sua vez, a atitude e o gesto produzem tal envolvimento do homem todo que expressam, intensificam ou mesmo provocam a atitude interior.

E isto também afeta o nosso relacionamento com Deus e nosso culto. De fato, nossos relacionamentos com Deus são baseados em quem somos. Um culto puramente espiritual seria desumano e, além disso, impossível. E também para nós, cristãos, o corpo está destinado à ressurreição, tornou-se templo do Espírito Santo pelo Batismo e é alimentado pela Eucaristia. Em outras palavras, Deus se adapta ao nosso jeito de ser e também age em nós ao encarnar sua ação em sinais visíveis. Jesus usou gestos para realizar milagres que Ele poderia ter feito com uma única palavra. E todos os sacramentos são realizados no corpo para santificar a alma. Assim, na Eucaristia, Deus oferece-se a nós através de sinais visíveis, pão e vinho, e nosso corpo participa dele por meio de uma série de posturas, gestos e ações corporais que refletem nossas atitudes e sentimentos internos.

Mas o corpo, além de servir para nos expressarmos, é justamente por isso também o instrumento de nossa comunicação com os outros. A Eucaristia é essencialmente comunitária, ou seja, requer a unanimidade dos corações. Mas esta unanimidade espiritual não pode ser feita sem gestos comuns, compreensíveis por todos, isto é, sem comunicação através do corpo.

### b) Posições litúrgicas

1. **A posição de pé:** esta é a postura litúrgica fundamental, porque tem um significado muito rico:

- a) Em primeiro lugar, e no seu sentido mais natural, é um  **sinal de respeito**: coloca-se diante de uma pessoa que se deseja homenagear. É por isso que nos levantamos quando o celebrante entra e sai e durante a proclamação do Evangelho.
- b) É também a **postura normal da oração**, tanto judaica como cristã. É por isso que o presidente e os fiéis se levantam durante as orações solenes.
- c) Esta é a **postura pascal** por excelência: já que Cristo nos libertou do pecado e da morte, não somos mais escravos, mas filhos que se aproximam de Deus com grande confiança. É por isso que a antiga liturgia proibia ajoelhar-se no domingo.
- d) É também a **atitude de quem espera a felicidade eterna**, porque é a atitude de ação de graças dos eleitos no céu: *“Eu vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar (...). Estavam de pé, diante do trono e do Cordeiro...”* (Ap 7, 9).

2. **Ajoelhado**: esta é a outra postura cristã para a oração, que também tem dois significados diferentes:

- a) É uma postura de **humildade e arrependimento**, para reconhecer que o pecado nos trouxe à terra. É por isso que a usamos para atos e momentos de penitência.
- b) Mas é também uma **atitude de reconhecimento da grandeza de Deus e de pedido**. É neste sentido que foi usado pelos apóstolos: *“Pedro mandou todos saírem. Em seguida, pôs-se de joelhos, a orar”* (At 9,40). *“Tendo dito isso, Paulo ajoelhou-se e orou com todos eles”* (At 20, 36). É por isso que nós, cristãos, usamos muito este gesto de ajoelhar-se na oração individual. Na Eucaristia só a usamos no momento da consagração.

3. **Prostração**: em nossa liturgia atual, esta postura é bastante excepcional. Mas tem um significado profundo com um duplo aspecto: como **sinal de total devoção pessoal a Deus**, serve para sublinhar a importância

que se deve dar à oração, isto é, **indica uma súplica solene**. Hoje em dia, nas ordenações (bispo, presbítero e diácono), os candidatos prostram-se enquanto se cantam as litanias dos santos. E é isso que o sacerdote faz no início da liturgia da Sexta-feira Santa. No entanto, esta atitude é mais frequentemente utilizada nos costumes de oração de algumas congregações monásticas e religiosas, e mesmo na oração privada de muitos cristãos.

4. **Sentar-se:** esta é, em primeiro lugar, **a postura de quem ensina**. Na introdução do Sermão da Montanha, o evangelista nos diz: *“Ao ver as multidões, Jesus subiu à montanha e sentou-se. (...). Então, abrindo a boca, começou a ensiná-los...”* (Mt 5, 1-2); quer apresentar Jesus como o Mestre Supremo. O bispo preside e fala do seu assento (*cathedra*) como o autêntico mestre da comunidade cristã.

Mas, ao mesmo tempo, a postura sentada é também **a da ouvinte**, como Maria de Betânia que, sentada aos pés do Senhor, escuta a sua Palavra (cf. Lc 10, 39). É por isso que os fiéis se sentam para ouvir todas as leituras (exceto o Evangelho), os cantos meditativos e a pregação. Eles também podem fazer isso durante o silêncio meditativo após a Comunhão.

5. **Ir em procissão:** súplica solene expressa por uma **marcha festiva**, acompanhada de cantos, rumo a um lugar que constitui a meta. Embora seja uma forma de culto comum a todas as religiões, é para os cristãos um sinal e uma manifestação do caráter essencialmente peregrino do povo de Deus.

Em cada celebração eucarística há movimentos que são atos processionais: a procissão de entrada dos celebrantes e seus ministros, a procissão do Evangelho, a procissão do ofertório, a procissão dos fiéis para receber a comunhão. Mas há também outras procissões extraordinárias, ligadas a certas festas: a das velas na festa da Apresentação do Senhor, a do domingo de Ramos, a trasladação do Santíssimo Sacramento ao Sacrário

na Quinta-feira Santa, a da adoração da Cruz da Sexta-feira Santa, a da noite pascal atrás do Círio Pascal, a do Corpus Christi, a das rogações. E fora da liturgia, a piedade popular criou muitas outras, em honra do Senhor, da Virgem e dos Santos.

**6. Mãos levantadas e estendidas:** esta era a postura normal que expressava a **atitude de oração** do povo judeu; assim rezava Moisés (cf. Ex 17, 9-14). Nós, cristãos, mudamos seu significado: para nós, é uma lembrança de que Jesus nos salvou erguendo as mãos na cruz. Nos primeiros séculos, esta era a atitude de oração comum a todos os cristãos, como testemunha da oração dos que rezavam nas catacumbas romanas. Hoje em dia, é usada pelo sacerdote apenas nas orações presidenciais e na oração eucarística. No entanto, alguns cristãos também usam em orações particulares.

**7. Silêncio:** o Vaticano II, ao enumerar os elementos da participação ativa dos fiéis, acrescenta: *“Além disso, deve-se observar o sagrado silêncio no tempo devido”* (Vaticano II, *Sacrosanctum Concilium* 30). O silêncio nos permite meditar a Palavra de Deus e é também expressão de admiração, adoração e sentimento da grandeza de Deus, que não podemos expressar em palavras. Mais precisamente, a Eucaristia tem a importante função de nos ajudar a personalizar a oração comunitária. Por isso, é prescrita após o convite à oração feito pelo sacerdote. Também é recomendada após a homilia e depois de receber a Comunhão.

### c) Gestos litúrgicos

**1. O sinal da cruz:** no Batismo, somos marcados com o sinal da cruz na testa, como sinal de **nossa pertença a Cristo**. Assim, cada vez que repetimos este gesto, queremos renovar a nossa condição de cristãos. E este significado foi enriquecido pelo acréscimo de uma confissão trinitária: *“Em nome do Pai...”*.

A Eucaristia serve como gesto de partida, para tomarmos consciência de quem somos e que estamos na presença da Trindade. Depois repetimo-lo três vezes, na frente, nos lábios e no coração, antes de ouvir o Evangelho, com o rico simbolismo de que a Palavra de Jesus penetra na nossa inteligência e no nosso coração, e que somos capazes de a anunciar com os nossos lábios. E, finalmente, o celebrante o usa como um gesto de bênção.

2. **O bater no peito:** é sinal de arrependimento e humildade, como o do publicano da parábola (Lc 18, 3) ou das testemunhas da crucificação (Lc 23, 45). Pode ser usado dizendo as palavras “Minha culpa” no “*Confesso*” do Ato Penitencial.
3. **Curvar-se:** este é um sinal de reverência. Existem dois tipos de inclinação: inclinação da cabeça e inclinação do corpo, ou inclinação profunda.

O sacerdote inclina a cabeça quando menciona as três Pessoas divinas, o nome de Jesus, da Virgem Maria e do santo em cuja honra é celebrada a Eucaristia.

A inclinação do corpo é feita pelo sacerdote para saudar o altar no início e no fim da celebração, se não estiver presente o Santíssimo Sacramento, para a consagração e recitando algumas orações que sublinham a humildade de quem reza. E todos nós devemos nos curvar profundamente durante a profissão de fé, com as palavras: “*que foi concebido pelo poder do Espírito; nasceu da virgem Maria*”, e durante a bênção final, quando a solene fórmula é usada.

4. **Genuflexão:** é sempre sinal de adoração a Jesus Cristo presente na Eucaristia. É por isso que o celebrante faz este gesto depois da elevação do pão consagrado, após a elevação do cálice e antes da comunhão. Além disso, se o tabernáculo estiver sobre o altar onde se realiza a celebração, também faz genuflexão no início e no fim da celebração, e cada vez que passa diante dele. Os fiéis, por outro lado, devem fazer genuflexão ao entrar e sair da igreja, quer o sacrário esteja no altar-mor ou em outro lugar do presbitério.

5. **O beijo:** na liturgia, o beijo é um **importante sinal de reverência**. Portanto, apenas as coisas que representam Cristo de uma maneira particular são beijadas. O sacerdote beija o altar no início e no final da celebração, e beija o livro após a leitura do Evangelho. Todos nós também beijamos a cruz na Sexta-feira Santa.

## C. Paramentos e Insígnias Litúrgicas

### a) Significado dos paramentos litúrgicos

Para o homem, a roupa nunca teve um valor puramente utilitário: proteger-nos do frio ou do calor e cobrir a nossa nudez. Desde as culturas mais primitivas, o paramento tem também um valor simbólico: serve para distinguir diferentes modos de ser (homem ou mulher), diferentes atividades humanas e, sobretudo, para indicar a sua função ou posição social. Os cristãos usaram o simbolismo do paramento desde o início. São Paulo diz: *“Vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo”* (Gal 3, 27); ele usa o simbolismo do paramento para designar a nova vida, o novo ser que recebemos. Não surpreende, portanto, que a imposição simbólica do paramento novo, sinal de vida nova, tenha entrado desde muito cedo na liturgia do Batismo. Ainda hoje, no momento do Batismo, nos é dito: *“... nasceste de novo e foste revestido do Cristo, por isso trazes a veste batismal. (...) a conservar a dignidade de filho de Deus até a vida eterna”*. A memória deste uniforme cristão estará presente na liturgia eucarística, vestida por todos os ministros que ali atuam, na túnica ou no véu branco usado pelo adulto batizado durante a Eucaristia de sua iniciação e, opcionalmente e conforme costume, na vestimenta dos filhos durante a primeira comunhão e da noiva durante o sacramento do Matrimônio.

Mas o uso de paramentos especiais para a celebração tem se concentrado principalmente nos ministros que dela participam, e especialmente os ministros ordenados, para lembrar à comunidade e a si mesmos quem são e a função especial que cumprem: representantes de Cristo Cabeça, qualificada para agir *“in Persona Christi”*. A princípio, tais paramentos eram comuns na vida civil, não os paramentos comuns, mas os paramentos mais dignos usados pelos cidadãos abastados em dias de festa, para enfatizar a importância da função litúrgica. Mas na Idade Média, do século VIII ao XII, os paramentos tornaram-se “sagrados”, ou seja, passaram a ser destinados exclusivamente à liturgia. Desde então, os paramentos litúrgicos e as insígnias permaneceram

quase inalteradas, embora a reforma do Vaticano II as tenha simplificado e introduzido um critério de austeridade: “*Convém que a beleza de cada vestimenta decorra não tanto da multiplicidade de ornatos, mas do tecido e da forma. Havendo ornatos, sejam figuras, imagens ou símbolos que indiquem o uso sagrado, excluindo-se os menos convenientes*” (IGMR, 306).

## b) Paramentos litúrgicos atuais

A Ordenação Geral do Missal Romano determina o seguinte (cf. *Ordenação Geral do Missal Romano*, 297-310):

1. **Todos os ministros**, independentemente da categoria, usam a *túnica* (ou *alva*), com ou sem cordão.
2. **O bispo**, por cima da *túnica*, usa a *estola* ao pescoço pendente diante do peito, e a *casula*. Ele também usa as insígnias exclusivas de sua categoria: a *cruz*, o *anel* e, em determinados momentos da celebração, o *báculo* e a *mitra*.
3. **O presbítero**, como o bispo, usa a *túnica*, a *estola* e a *casula*. Os sacerdotes concelebrantes podem usar apenas a *túnica* e a *estola*.
4. **O diácono** usa uma *túnica*, uma *estola* cruzada sobre o peito, desde o ombro esquerdo ao lado do tronco, pendendo no lado direito, e uma *dalmática*.

## c) Cores litúrgicas

O rito latino usa cores diferentes nos paramentos litúrgicos para “manifestar externamente o caráter dos mistérios celebrados, e também a consciência de uma vida cristã que progride com o desenrolar do ano litúrgico” (IGMR, 307).

Mais precisamente são as seguintes (cf. *Ordenação Geral do Missal Romano*, 308):

1. **Branco**: usado na Páscoa e no Natal, nas festas do Senhor, exceto em sua Paixão, e nas festas da Virgem Maria e dos santos não mártires.

2. **Vermelho:** domingo da Paixão, Sexta-feira Santa, domingo de Pentecostes e as festas dos Apóstolos, Evangelistas e Santos Mártires.
3. **Verde:** no Tempo Comum.
4. **Roxo:** durante os tempos do Advento e da Quaresma. Também pode ser usado durante as missas pelos mortos.
5. **Preto:** pode ser usado para as missas pelos mortos.
6. **Rosa:** pode ser usado no terceiro domingo do Advento e no quarto domingo da Quaresma.
7. **Azul:** por privilégio da Santa Sé, concedido em 1864, pode ser usado na Espanha na festa da Imaculada Conceição.

## IMAGENS - Fontes de consulta

### Capa / Contracapa

[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:%C3%9Altima\\_Cena\\_-\\_Juan\\_de\\_Juanes.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:%C3%9Altima_Cena_-_Juan_de_Juanes.jpg)

### Página 18

[https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_%C3%9Altima\\_Ceia\\_%28Leonardo\\_da\\_Vinci%29](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_%C3%9Altima_Ceia_%28Leonardo_da_Vinci%29)

### Página 30

[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:The\\_Last\\_Supper.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:The_Last_Supper.jpg)

### Página 42

<https://www.autores.com.br/publicacoes-artigos2/86004-o-que-foi-a-ultima-ceia.html>

### Página 52

<https://br.rbth.com/cultura/86647-15-pinturas-imperdiveis-de-henryk-siemiradzki>

### Página 64

<https://en.wahooart.com/@/8EWCQE-Bartolome-Esteban-Murillo-The-last-supper>

### Página 76

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Aldo\\_Locatelli](https://pt.wikipedia.org/wiki/Aldo_Locatelli)

### Página 90

<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Philippe-de-Champaigne/607805/A-%C3%BAltima-Ceia.html>

### Página 104

<http://ouropreto.com.br/canal/artigo/a-ceia-brasileira-de-ismailovitch-homenagem-ao-aleijadinho>









“O projeto de vida que seguimos no Movimento desde que ingressamos nos ajudou a forjar uma fé madura. Nesta fé conseguimos compreender que todo esse caminho missionário que percorremos nos últimos anos é uma adesão a Cristo como discípulos prontos para assumir a missão que Ele nos confia.”



Equipes de Nossa Senhora

**Secretariado Nacional**

Av. Paulista, 352  
3º andar · cj. 36  
013310-905 · São Paulo · SP  
Tel. (11) 3256.1212  
(11) 3257 3599  
secretariado@ens.org.br  
www.ens.org.br

**Secretariado Internacional**

49, rue de la Glacière · 7º andar  
75013 · Paris · França  
Tel. (33) (1) 43 31 96 21  
(33) (1) 45 35 47 12  
end-internacional@wanadoo.fr  
www.equipes-notre-dame.com